



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JOICE LORENA DO SACRAMENTO ALVES**

**A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA EM OUTROS ESPAÇOS EDUCATIVOS:  
NARRATIVAS SOBRE A ESCRAVIDÃO E O PÓS-ABOLIÇÃO ENTRE OS  
PARTICIPANTES DO NEGO FUGIDO EM SANTO AMARO, BA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**JOICE LORENA DO SACRAMENTO ALVES**

**A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA EM OUTROS ESPAÇOS EDUCATIVOS:  
NARRATIVAS SOBRE A ESCRAVIDÃO E O PÓS-ABOLIÇÃO ENTRE OS  
PARTICIPANTES DO NEGO FUGIDO EM SANTO AMARO, BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para à obtenção do Título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cláudia Cardoso Ferreira.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

A479a

Alves, Joice Lorena do Sacramento.

A aprendizagem de História em outros espaços educativos : narrativas sobre a escravidão e o pós-abolição entre os participantes do Nego Fugido em Santo Amaro, BA / Joice Lorena do Sacramento Alves. - 2019.

64 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cláudia Cardoso Ferreira.

1. Escravidão - Acupe (Santo Amaro, BA) - Estudo e ensino. 2. Acupe (Santo Amaro, BA) - História - Estudo e ensino. 3. Memória coletiva - Acupe (Santo Amaro, BA). 4. Nego Fugido - Patrimônio cultural. I. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 326.098142

**JOICE LORENA DO SACRAMENTO ALVES**

**A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA EM OUTROS ESPAÇOS EDUCATIVOS –  
NARRATIVAS SOBRE A ESCRAVIDÃO E O PÓS-ABOLIÇÃO ENTRE OS  
PARTICIPANTES DO NEGO FUGIDO EM SANTO AMARO, BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para à obtenção do Título de Licenciada em História.

Data de aprovação: 04/09/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cláudia Cardoso Ferreira (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno (Examinador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clícea Maria Augusto de Miranda (Examinadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

*Às águas que inundam minha história  
Ao Tempo que me guarda as memórias  
À minha família que dá sentido a tudo isso.*

## AGRADECIMENTOS

*“É festa no céu, é lua cheia, eu sonhei e abracei o mar...  
me molhei no mar, e nada pedi, só agradei”  
(Agradecer e abraçar).*

*Agradeço à Deus por essa vida e pelas escolhas que me fizeram chegar até aqui.  
Agradeço também ao Tempo, grande símbolo da História, divisor de tantas águas.*

*Agradeço à minha mãe Joelma, sempre, por ser meu alicerce na terra e à minha Dinda por me abençoar no céu. Também ao meu pai Raimundo, pela compreensão e ao meu irmão Caique, pelo incentivo emanado há quilômetros de distância, nas terras do Norte, estendendo a gratidão à toda a minha família.*

*Agradeço ao companheirismo de Téo, que na “geografia do amor” nunca me deixou desanimar neste processo de construção que é árduo e inquietante. Gratidão pela paciência.*

*Aos meus colegas do curso de História e aos meus amigos e amigas que não me permitiram enlouquecer no processo, “tamo junto”!*

*Agradeço também à Unilab no campus dos Malês; à Pró-reitoria de extensão, arte e cultura e ao Grupo Nyemba. E assim, aos queridos Acácio Almeida, Cristiane Souza, Mariana Petroni e Fábio Baqueiro pela formação e apoio nos projetos.*

*Porque eu sou historiadora, mas também sou poeta, um agradecimento especial à Maria Cláudia Cardoso Ferreira, doutora da história, professora dedicada e uma orientadora sem igual. Que, por mais pesado que possa ter pego, nunca pulou do barco e, do primeiro ao último momento, esteve comigo na construção desta pesquisa. Por toda bronca, carinho e, por lá no começo ter me ensinado a gostar de ensinar história, a minha gratidão!*

*Aproveito o ensejo e agradeço à minha banca examinadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clícea Maria Augusto de Miranda e Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno. Obrigada por terem aceitado fazer parte disso.*

*Não tenho palavras suficientes para expressar minha gratidão o povo de Acupe, que durante todos esses anos me acolheu, abriu as portas de suas casas para mim e dividiu comigo suas lembranças. Obrigada Dona Santa, por ter gostado de mim de cara, que a senhora fique bem; obrigada Seu Evilásio; Seu Dodô; Dona Nilza; Joalice, meu amor; ao grupo do Nego Fugido e suas crianças; Isabela; Moni; Mário... Todos que, de alguma forma, são meus colaboradores, sem vocês não haveria pesquisa.*

*Especialmente, agradeço à família Sobral, Dona Maria, Seu Pelé, Paulinho, Dudum, Neguinho, Jéssica e o pequeno Daniel. Sou grata a vocês por terem me abraçado como família, todos os almoços, cervejas, folhas, conversas, por trilharem comigo em Acupe e por simplesmente me oferecerem um lugar calmo e gostoso para escrever.*

*Estamos fazendo história! Por tudo isso, sou grata. Sakidila Ubuntu!*

*“Ao contrário da maioria dos bípedes da sua espécie que se acomoda à espera de dias melhores, nós, corujas, procuramos ouvir as lutas e os sofrimentos que aquelas peças trazem do passado para o presente. Cada uma delas revela uma sequência interminável de formas silenciosas de resistência, de fugas, de quilombos e de levantes que deixam no solo do tempo as marcas de centenas de rebeliões escravas. Resgatar esses acontecimentos é reavivar a memória de algo que os poderosos procuram fazer cair no esquecimento, cientes de que um povo sem história é como um homem sem memória, que não sabe de onde vem, nem para onde vai”*

*(Coruja. Em busca da liberdade. p. 10. Emílio Genari).*

*“Quando não souberes para onde ir,  
Saiba pelo menos de onde veio”  
(Sankofa, provérbio Adinkra).*



## RESUMO

Esta pesquisa tratou de aspectos da aprendizagem histórica, no âmbito do patrimônio cultural, a partir da análise do Nego Fugido, que é uma performance das relações sociais do período da escravidão, que acontece todos os domingos do mês de julho pelas ruas de Acupe, distrito de Santo Amaro - Ba. A pesquisa identificou, entre os participantes os conteúdos e conceitos relacionados ao período da escravidão que ocorrem na manifestação; analisou a construção de narrativas sobre a escravidão a partir da experiência de crianças e adolescentes que participam da encenação do Nego Fugido e destacou como a preservação do patrimônio de uma comunidade está relacionada com a educação das novas gerações. Tratou-se de estudo de caráter qualitativo com o uso das técnicas de observação participante em que foi possível interagir com organizadores da manifestação, realizar entrevistas formais e abordagens informais e acompanhar as encenações. Percebe-se que, a partir de manifestações culturais como o Nego Fugido, as crianças e adolescentes compartilham uma memória coletiva dos acupenses e aprendem sobre a história da escravidão vivida nesta comunidade do Recôncavo baiano. Pode-se concluir que as gerações aprendem umas com as outras e, que esses saberes podem colaborar com a educação patrimonial, uma vez que agrega mais pertencimento ao grupo.

**Palavras-chave:** Escravidão - Acupe (Santo Amaro, BA) - Estudo e ensino. Acupe (Santo Amaro, BA) - História - Estudo e ensino. Memória coletiva - Acupe (Santo Amaro, BA). Nego Fugido - Patrimônio cultural.

## ABSTRACT

This research dealt with aspects of historical learning within the cultural heritage, based on the analysis of the *Nego Fugido*, which is a performance of the social relations of the period of slavery, which takes place every Sunday in July through the streets of Acupe, district. of Santo Amaro - Bahia. The research identified, among the participants, the contents and concepts related to the period of slavery that occur in the manifestation; analyzed the construction of narratives about slavery from the experience of children and adolescents who participate in the staging of the *Nego Fugido* and highlighted how the preservation of the heritage of a community is related to the education of new generations. This was a qualitative study using participant observation techniques in which it was possible to interact with organizers of the performance, conduct formal interviews and informal approaches and follow up the scenarios. From cultural manifestations such as the *Nego Fugido*, children and adolescents share a collective memory of the Acupenses and learn about the history of slavery lived in this community of the Bahian Recôncavo. It can be concluded that generations learn from each other and that this knowledge can contribute to heritage education, since it adds more belonging to the group.

**Keywords:** Acupe (Santo Amaro, BA) - History - Study and teaching. Collective memory - Acupe (Santo Amaro, BA). Nego Fugido - Cultural heritage. Slavery - Acupe (Santo Amaro, BA) - Study and teaching.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Mapa dos territórios Terra e Água no Distrito de Acupe - Santo Amaro (Bahia - Brasil) 2012	20
<b>Figura 2</b>	População da Bahia, por volta de 1724	21
<b>Figura 3</b>	Preparação do Nego Fugido, julho de 2018	45
<b>Figura 4</b>	Encenação do Nego Fugido, julho de 2019	48
<b>Figura 5</b>	Batalha da prisão do rei	51
<b>Figura 6</b>	Prancha Caçadores Mirim, Acupe, agosto de 2019	54
<b>Figura 7</b>	Caçador de fotógrafos, Acupe, 07 de julho de 2019	55

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>2</b>	<b>NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO NA MANIFESTAÇÃO DO NEGO FUGIDO</b>	19
2.1	O LUGAR	19
2.2	AS RELAÇÕES DE TRABALHO	23
2.3	IMAGINÁRIO E MEMÓRIA HERDADA DA ESCRAVIDÃO: REMINISCÊNCIAS DE UMA HISTÓRIA COLETIVA	25
2.4	NEGO FUGIDO: UMA ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA NO PÓS-ABOLIÇÃO	30
<b>3</b>	<b>A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NA MANIFESTAÇÃO DO NEGO FUGIDO: BRINCAR, FESTEJAR E APRENDER</b>	36
3.1	A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DA FESTA POLÍTICA	37
3.2	APRENDENDO HISTÓRIA NA FESTA DO POVO DE ACUPE	39
3.3	O QUE É APRENDIDO E O QUE É ENSINADO NO NEGO FUGIDO	44
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	57
	<b>REFERÊNCIAS</b>	60

## 1 INTRODUÇÃO

*“[...] narrar é desmortalizar a vida humana”*  
(RÜSEN, 2005. p. 10).

Durante todos os domingos de julho os moradores do distrito de Acupe, situado em Santo Amaro – Ba, encenam o Nego Fugido, segundo contam na comunidade desde a abolição da escravidão. O Nego Fugido é uma manifestação cultural onde os caçadores de escravizados capturam as negas que fogem durante a encenação e quando capturadas tem que trabalhar/pedir esmolas para comprar sua alforria. Ao mesmo tempo em que o capitão do mato desfere chicotadas para que os caçadores capturem as negas mais rapidamente e que se mantenha a ordem posta. Nos três primeiros domingos da manifestação, o rei, protegido por militares, fica esperando o dinheiro que as negas conseguem com trabalho ou esmola. No último domingo de Acupe, ou seja, no último ato, caçadores, negas e o capitão do mato juntos, prendem o rei e derrubam os militares. O rei preso é obrigado a libertar a todos, depois é leiloado pelo grupo e, com algumas moedas, algum civil benevolente compra a liberdade do mesmo. Assim, durante as apresentações do Nego Fugido esse grupo de moradores representa memórias da escravidão e de diferentes estratégias de luta por liberdade.

O campo desta pesquisa inicia-se em 2015, na formulação de uma pesquisa anterior que foi feita para alcançar o grau de bacharel em humanidades, também na Unilab, onde desenvolvi a pesquisa monográfica, de caráter antropológico, “Memórias e narrativas de resistência num Recôncavo da Bahia: as caretas de Acupe – Santo Amaro/BA”<sup>1</sup>, entre os meses de junho de 2015 e novembro de 2016. Após a defesa e já cursando a licenciatura em história surgiu o projeto de extensão intitulado “Revitalização, Memória e Tradição”, na intenção de dar uma devolutiva da pesquisa à comunidade.

O projeto aprovado no edital PIBEAC/2018 funciona com a realização de rodas de conversas nas comunidades promovendo um diálogo direto da Universidade com as pessoas da comunidade, através de oficinas de transmissão de saberes para as crianças de Acupe e São Braz, distritos de Santo Amaro. Elas aprendiam com os mestres dos saberes locais as técnicas na preparação de máscaras, pinturas, toques, danças, etc. Além disso, acontecia um

---

<sup>1</sup> Em resumo, as Caretas de Acupe contam como um escravizado engana o senhor durante um baile de máscaras, confeccionando a sua própria máscara rudimentar, que ficou conhecida como careta. De posse da máscara ele causa tumulto, assusta, diverte e distrai as pessoas na tentativa de fugir. Disponível em: <<http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/699>>.

intercâmbio entre uma comunidade e outra, quando a manifestação cultural era própria de Acupe, um mestre local dava oficina e levávamos as crianças de São Braz para participar no distrito vizinho. Da mesma forma, quando a oficina ocorria em São Braz, levávamos as crianças de Acupe para lá.

Desde então tenho pensado em como elaborar caminhos teóricos para trabalhar historicamente com a diversidade cultural dessas localidades. Depois de muitas leituras e boas orientações, a pesquisa delimitou-se a tratar de aspectos da aprendizagem histórica, no âmbito do patrimônio cultural, a partir da análise do Nego Fugido, que é uma performance representativa das relações sociais do período da escravidão.

A história, assim como a língua e a tradição mudam, e as pessoas agregam novas visões de mundo e, por isso, a cultura é dinâmica. Assim, a participação das crianças nas festas e manifestações populares faz parte da dinâmica cultural, da ressignificação da história. Analisar narrativas sobre a escravidão entre os participantes das manifestações culturais do Nego Fugido é o objetivo que norteia esta pesquisa, mais que isso, pretende-se identificar a existência de elementos da educação patrimonial nesse contexto de Acupe; apontar os conteúdos e conceitos relacionados ao período da escravidão e do pós-abolição que ocorrem na manifestação popular em questão; analisar também o percurso de aprendizagem a partir da experiência de crianças e adolescentes no Nego Fugido além de refletir como a preservação do patrimônio de uma comunidade está relacionada com a educação das novas gerações.

O presente estudo foi balizado pelos conceitos/noções de memória, aprendizagem histórica e patrimônio, este último permeado pela perspectiva da educação patrimonial. Sobre memória podemos entendê-la como uma reconstrução do passado a partir do presente. Sendo elas e os relatos pessoais importantes, mas não a única forma de investigação do passado, a memória precisa ser questionada e não tomada como fato, mas sim uma ressignificação das vivências históricas daquelas pessoas, daquelas comunidades (SARLO, 2007. p. 22).

Sobre aprendizagem histórica acredito ser interessante valorizar aquilo que se aprende e como se aprende, ao invés daquilo que supostamente se deveria aprender. Se aprende história por meio de diversas narrativas como filmes, novelas, quadrinhos, músicas, jogos, incluindo, portanto, o patrimônio cultural material e imaterial. (BARCA, 2001. p. 16). A consciência histórica de uma pessoa estará exposta a inúmeras intervenções com ou sem intenção, de acordo com sua vivência em sociedade, ou seja, as pessoas que estão inseridas na manifestação do Nego Fugido, por exemplo, sejam elas participantes ou observadores,

aprendem algo sobre a época da escravidão. Há uma rememoração dos feitos coletivos, as diferentes formas de narrar e entender o que aconteceu às pessoas ao longo do tempo, sejam essas experiências boas ou ruins aos olhos deles, uma rememoração que pode ser passada na escola ou fora dela como nas ruas de Acupe durante os momentos de festa. A aprendizagem histórica torna o sujeito protagonista do processo de construção das narrativas que constituem sentido para a consciência histórica dessas pessoas.

Numa rápida pesquisa, a palavra *patrimônio* está ligada à herança familiar. Segundo o dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN<sup>2</sup>, no verbete sobre *patrimônio imaterial*, escrito por Letícia Vianna, este é um conceito complementar ao de *patrimônio material* na formulação e condução de políticas de proteção e salvaguarda dos patrimônios culturais. Também se usa o termo *patrimônio intangível* “para designar as referências simbólicas dos processos e dinâmicas socioculturais de invenção, transmissão e prática contínua de tradições fundamentais para as identidades de grupos, segmentos sociais, comunidades, povos e nações”. (IPHAN, 2008. p. 32).

Se entendermos que o patrimônio é constituído, além de coisas materiais, também por saberes, festas, culinária, línguas, etc., ou seja, que é constituído pelas formas de expressão de um povo, vamos compreender que esses valores e relações sociais da comunidade repercutem nas esferas públicas, populares e coletivas.

Para atingir os objetivos da pesquisa, percorri uma metodologia de caráter qualitativo. Na pesquisa bibliográfica encontrei outras pesquisas sobre o Nego Fugido, como a dissertação “Nego Fugido: o teatro das aparições” de Monilson Pinto da área de artes que percebe uma relação mais afetiva dele próprio, suas significações e interpretações sobre e com o grupo; outra pesquisa foi a monografia de Jamilson Souza, gestor cultural, com uma abordagem interdisciplinar sobre os processos performáticos nas festas de Acupe com a pesquisa intitulada “As caretas e o Nego Fugido fazem a festa em Acupe”; por fim, a pesquisa monográfica de Maria José Villas Boas, das ciências sociais, também investiga os reflexos das performances corporal, musical e plástica da manifestação enquanto teatro de rua com a pesquisa “A festa do ‘nego fugido’ em Acupe/BA em suas dimensões múltiplas”. As pesquisas apresentadas têm percursos teóricos diferentes do que requer a pesquisa historiográfica, no entanto servem de parâmetro sobre olhares investigativos diferentes.

---

<sup>2</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Assim, para a pesquisa que apresento, a intenção foi relacionar a manifestação e a aprendizagem de história. Houve uma primeira parte da metodologia da pesquisa voltada para entender a relação entre patrimônio histórico-cultural e a aprendizagem histórica.

O segundo momento da pesquisa já em campo foi voltado para as técnicas de observação participante. A observação participante é uma observação em campo, uma técnica de investigação que possibilita ao pesquisador não só uma aproximação com o campo, mas também a identificação de problemas e o entendimento de conceitos. O pesquisador participa ativamente na comunidade obtendo os dados necessários para a sua análise e pesquisa.

Apesar de estar inserida no campo a mais tempo, a minha observação para esta pesquisa começa a partir deste ano, quando o tema e o problema são delimitados. Lembro que escrevi na pesquisa anterior que, quando cheguei em Acupe, tudo me era perceptível “desde a areia que ficava presa no meu pé”, desta vez, o olhar era sobre tudo o que pudesse significar aprender história. Entre este processo de delimitação do tema e o momento final de escrita monográfica, eu estive na comunidade inúmeras vezes, algumas delas sem o intuito de entrevistar alguém formalmente, mas para conversar sobre o que a comunidade podia me informar sem o desconforto do gravador de voz. Outras vezes fui para realizar entrevistas mesmo, também conhecer algumas escolas, pessoas novas, participar na organização de encontros importantes da comunidade, como o X Encontro do samba de roda de Acupe, além de, neste ano de 2019, acompanhar três dos quatro domingos das apresentações do Nego Fugido pelas ruas de Acupe, incluindo o último domingo quando ocorre o desfecho da performance.

Outro método utilizado foram as entrevistas semiestruturadas que faziam com que o interlocutor seguisse pelos caminhos que eu havia traçado e onde queria chegar. As entrevistas, os depoimentos e as histórias de vida são técnicas que nos permite conhecer, mesmo que parcialmente, processos sociais específicos a partir do olhar daquelas pessoas que estão inseridas nesses mesmos processos.

Nesse percurso é que aparecem, ao longo da narrativa, os meus colaboradores: Dona Santa é Edna Bulcão, a “madrinha” do Nego Fugido, que faz parte do grupo há aproximadamente 60 anos; Seu Evilásio é um dos caçadores e atualmente é o caçador mais antigo do grupo; Paulinho Sobral é também um dos caçadores, conhecido na capoeira como Mestre Caiçara, foi quem primeiro me apresentou às pessoas em Acupe e as entrevistas com ele foram as mais utilizadas; as crianças aqui aparecem como *negas*, pois é esse o papel que



desempenham na encenação; ainda colhi dados de professoras do Colégio Municipal Cel. José Antônio, em Acupe.

Embora História e memória sejam formas de acessar o passado e também elementos em comum, tratam-se de campos distintos na medida em que a primeira tem um compromisso com a crítica das fontes, do conhecimento produzido, utiliza métodos de investigação e comprovação que procuram garantir a produção de um saber científico. (FERREIRA; FRANCO, 2013. p. 9).

Um dos questionamentos, que são respondidos ao longo do texto, implica em como trabalhar com História quando suas principais fontes são lembranças, já que “em se tratando de fontes orais, as narrativas são uma produção do historiador que, após a transcrição das entrevistas, organiza-as em função de seu interesse de pesquisa” (SANTOS, s/a. p. 3). Porque esses depoimentos não são a história, eles são fontes e a produção dessas fontes orais, passa desde a escolha dos interlocutores até a recolha de informações junto a essas pessoas, essas técnicas são metodologias provenientes da história oral.

Essas entrevistas tinham objetivo de investigar não só os dispositivos da educação patrimonial presentes nas manifestações culturais de Acupe, como investigar como as gerações aprendem umas com as outras e como esse processo de transmissão de saberes se insere enquanto educação patrimonial.

Sabemos que as informações podem e são manipuláveis e manipuladas, não só as informações no geral, mas as que constituem uma história da comunidade, seja a nível local, regional ou até nacional. A manipulação da memória coletiva, hoje, possui um papel crucial na reconstituição de mitos e na busca do poder, isso a transforma num dos elementos de maior relevância nas discussões sobre educação patrimonial e patrimônio cultural (SCHWANZ, 2006. p. 26).

A metodologia da educação patrimonial começa a ser difundida no Brasil na década de 1980, quando surgem as primeiras discussões conceituais e práticas sobre o assunto. Ela foi criada para desenvolver programas didáticos nos museus e o objeto de estudo era o museu. Atualmente sofre adaptações para se adequar às mais variadas manifestações culturais (SCHWANZ, 2006. p. 28).

A metodologia de Horta consiste em quatro passos, que incluem *observação*, *registro*, *exploração* e *apropriação* fazendo o aluno alcançar os objetivos que são propostos e mediados pelo professor, mas que, nesses moldes, não será seguido aqui nesta pesquisa, porque é uma metodologia pensada para educação formal e museus, como já dito.

Também foi utilizado na pesquisa a leitura de algumas imagens do Nego Fugido enquanto fontes históricas passíveis das mais diversas interpretações e usos, pois:

Os sentidos *conotativos* de uma imagem devem ser contextualizados *a priori* pelos especialistas que analisam e indexam as informações imagéticas e *a posteriori* pelos receptores, quando da elaboração de suas *queries* de pesquisa. A contextualização desses sentidos *conotativos* permitirá o uso de uma fotografia em diferentes contextos e para diferentes interpretações e usos. (RODRIGUES, 2007. p. 67).

Ao entender que as músicas também ensinam e são, “objetos de memória”, há uma abordagem sobre os significados e as relações que os participantes do Nego Fugido têm com as músicas e como elas narram também a história da escravidão que o grupo ressignifica.

O texto que se segue foi dividido em duas partes: na primeira, intitulada “*Narrativas da escravidão na manifestação do Nego Fugido*” me concentrei numa discussão mais historiográfica que perpassa: “o lugar”, situando o leitor no tempo e no espaço onde as narrativas se passam; “as relações de trabalho”, onde é apresentada uma linha entre as relações de trabalho no período da escravização e como essas relações perpassam gerações no imaginário das pessoas no pós-abolição; o “imaginário e memória herdada da escravidão: reminiscências de uma história coletiva” trabalha com as narrativas que estão presente nas histórias que a comunidade compartilha sobre o período da escravidão em Acupe; e, o “Nego Fugido: uma estratégia de resistência no pós-abolição” que apresenta mais aspectos da manifestação do Nego Fugido, os papéis sociais dos personagens, as encenações e ressignificações do grupo.

Já a segunda parte do texto, cujo título é “*A aprendizagem de história na manifestação do Nego Fugido: brincar, pular, festejar e aprender*” e apresenta o percurso de coleta e análise de dados em: “A consciência histórica da festa política” que apresenta como os sujeitos que se relacionam com o Nego Fugido desenvolvem ou são capazes de desenvolver consciência histórica; “Aprendendo história na festa do povo de Acupe” apontando como é a aprendizagem de história em outros espaços educativos que não os formais; e, o “O que é aprendido e o que é ensinado no Nego Fugido” com reflexões acerca das observações feitas e análise dos dados que comprovam a aprendizagem de história no momento da festa.

## 2 NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO NA MANIFESTAÇÃO DO NEGO FUGIDO

*“Sementeira de venenosos espinhos,  
a escravidão não pode produzir flores inocentes”  
(Joaquim Manuel de Macedo).*

Neste capítulo a intenção é apontar os conteúdos e conceitos relacionados ao período da escravidão e do pós-abolição que ocorrem nas manifestações populares em Acupe, com destaque para o Nego Fugido.

### 2.1 O LUGAR

No período colonial, como afirma Schwartz: “Falar da Bahia era falar do Recôncavo, e este foi sempre sinônimo de engenhos, açúcar e escravos” (1988, p. 94). O termo recôncavo é usado para designar o conjunto de terras em torno de qualquer baía. O recôncavo baiano é a região geográfica que forma um arco em torno da Baía de Todos os Santos. Essa região se caracteriza não apenas pelas suas belezas naturais, mas, sobretudo por sua história e dinâmica sociocultural.

Quando os portugueses aqui chegaram, tudo já tinha nome. A baía que ofereceram a todos os santos chamava-se Kírimurê, “o grande mar interior” dos Tupinambás. As terras que gradativamente se chamaria Brasil, era Pindorama, “terra de palmeiras” para os Tupis-guaranis. Os rios tinham nome, os morros tinham nome, tinha nome para tudo. Eles mudaram seus nomes, mas Acupe sempre foi “terra quente”, pois até de riachos saía água quente.

A água dominava essas terras, penetrando em toda parte e controlando o ritmo e a organização das atividades humanas. O Recôncavo era entrecortado por rios de vários tamanhos, do grande Paraguaçu, sujeito a inundações periódicas, a rios de médio porte como Sergipe, Açu, Pericoara e Subaé e ribeirões como Cotegipe, Jacarancanga e Pitanga. Nenhum desses cursos d’água, grandes ou pequenos, eram navegáveis para os grandes navios oceânicos, e na foz de cada um deles desenvolveu-se, quase invariavelmente, uma povoação de pescadores e barqueiros. [...] Os engenhos, sempre que possível, localizavam-se às margens da baía ou ao longo dos rios, aproveitando-os como meio de transporte e às vezes também como fonte de energia. (SCHWARTZ, 1988. p. 78-9)

Acupe, distrito de Santo Amaro da Purificação, na Bahia, é um pontinho escondido na embocadura do Rio Pavão<sup>3</sup> que deságua na Baía de Todos os Santos e é cercado pelos manguezais, berçários de uma biodiversidade de peixes, moluscos e crustáceos, que na época colonial eram um problema para os senhores de engenho que queriam ocupar com canaviais cada centímetro de terra. Já para os escravizados que se alimentavam dos siris e outros crustáceos era uma verdadeira salvação, aliás, ainda hoje é o que faz com que a pesca artesanal seja a maior fonte de renda do distrito, como bem nos lembra Seu Dodô das Caretas: *“Aqui geralmente, hoje é pescador. Queira que não queira hoje quem for, quem morar aqui nessa área, se não tiver um emprego bom tem que ser pescador”*.

**Figura 1** - Mapa dos territórios Terra e Água no Distrito de Acupe - Santo Amaro (Bahia - Brasil) 2012



Fonte: Rios e Germani (2012).

Desde a Lei estadual nº 628, de 30-12-1953 Acupe é distrito de Santo Amaro, e possui cerca de 8.000 habitantes. A Fundação Palmares certificou a comunidade do Alto do Cruzeiro – Acupe, em 04/11/2010, enquanto remanescente quilombola. Conforme a Fundação

<sup>3</sup> Também conhecido como Rio Açú.

Palmares, a comunidade do Alto do Cruzeiro conta, aproximadamente, com 1.853 quilombolas. (ALVES, 2016. p. 29).

No passado, todos os registros de nascimento, batismo e morte eram emitidos pelas paróquias. As paróquias do Recôncavo “incluíam pouco menos de 40 mil residentes, cerca de metade da população da capitania. Nessa região, a proporção de escravos excedia a 60%, sendo mais de 70% entre os residentes de paróquias do Matoim, Santiago do Iguape e Santo Amaro da Purificação” (SCHWARTZ, 1988, p. 86). Essas paróquias eram o centro da produção açucareira.

Schwartz nos apresenta essa realidade na tabela a seguir:

**Figura 2** - População da Bahia, por volta de 1724

TABELA 6  
*População da Bahia, por volta de 1724*

Paróquia	Data de fundação	Homens livres	Mulheres livres	Criados <sup>a</sup>	Escravos	Total	Engenhos
<i>Salvador</i>							
Sé	1552	2 121	1 537	186	3 992	7 836	
Vitória	1549	348	241		338	927	
Conceição	1623	1 399	640	79	2 820	4 938	
S. Antônio	1648	941	1 023		1 675	3 639	
Desterro	1679	714	1 116	8	1 278	3 116	
S. Pedro	1679	1 088	1 420		2 029	4 537	
<i>Totais</i>		6 611	5 977	273	12 132	24 995	
<i>Recôncavo</i>							
Pirajá	1578	133	133	164	381	678	
Paripe	1578	187	118		551	856	1
Categipe	1606	190	282	20	898	1 390	5
Matoim	1606	234	241	32	1 220	1 727	6
Passé	1606	713	648	122	2 677	4 160	8
Socorro	1606	289	315		1 442	2 046	12
<b>Purificação</b>	<b>1578</b>	<b>950</b>	<b>850</b>	<b>72</b>	<b>4 152</b>	<b>6 024</b>	<b>59</b>
Monte	1606	895	807	4	3 835	5 541	19
Santiago de Iguape	1563	362	430	39	2 212	3 043	16
Planta	1563	1 225	1 234	24	2 568	5 051	
S. Cruz Itaparica	1563	640	666	8	1 390	2 704	
S. Amaro Itaparica	1681	160	137	5	407	709	
Maragogipe	1676	955	920	38	1 368	1 301	
Jaguaripe	1625	720	626	16	1 096	2 458	
<i>Totais</i>		7 653	7 438	380	24 217	39 688	106
<i>Litoral sul</i>							
Ilhéus	1556	550	388		893	1 831	(1)
Botupba	1616	323	327	25	552	1 227	
Camamu	1560	448	250		1 032	2 230	
Caira	1610	525	406		1 190	2 121	
<i>Totais</i>		1 846	1 371	25	3 667	7 409	
<i>Sertão</i>							
Rio S. Francisco	1682	725	727	56	1 266	2 774	
Jacobina						(5 000)	
Sergipe de El-Rey	1617	1 600	1 856	20	4 200	7 676	52
<i>Toda a Bahia — Totais</i>		18 435	17 369	754	45 482	79 864	139

(a) O termo “criados” provavelmente significa dependentes residentes ou empregados domésticos.

Fonte: Schwartz (1988), grifo meu.

Como podemos ver na tabela dá pra ver que o número alto de escravizados significava também uma quantidade abundante de engenhos que dependiam desta mão de obra específica, já que esta região era uma área açucareira e, durante o período colonial no Recôncavo, o açúcar era um dos produtos mais comercializados no Brasil. Santo Amaro e as paróquias em suas imediações formavam o Recôncavo açucareiro e o berço da sociedade dos engenhos. Alguns desses engenhos estavam no que hoje é o município de Santo Amaro ou bem próximos. Por exemplo, o Engenho Acupe que, em 1697, pertencia ao mestre Guedes Brito, casado com Guiomar Ximenes de Aragão, sem filhos. Sobre este engenho, Domingos Fiaz conta que:

O último proprietário desta família foi João de Saldanha da Gama Melo Torres Guedes Brito, sexto Conde da Ponte, que foi governador da Bahia entre 1805 – 1809 teve 10 filhos e morreu em 1809, na época era um grande engenho avaliado em 80 contos, com 174 bois, 11 cavalos e 125 escravos. Diz que foi um dos maiores engenhos da freguesia, porém  $\frac{1}{4}$  do engenho foi herdado por Luís Saldanha da Gama, Marquês de Taubaté (que não se interessava por trabalho e logo vendendo a José Francisco Gonçalves) em 1834 (20/04) por 20 contos. Registrado na freguesia de Saubara em 1858. (FIAZ, 2012. p. 29).

Segundo Carlos Ott, no livro *Povoamento do Recôncavo pelos engenhos 1536-1888*, “no povoamento da freguesia de Santo Amaro da Purificação constam registros de vários engenhos como o Santo Antônio da Patatiba e, ainda na Patatiba, os engenhos da Santíssima Trindade e do Acupe que ficavam situados junto à freguesia de Saubara”. E segue afirmando que o engenho denominado “Acupe da Casa da Ponte” era um engenho “moente” e “corrente” que foi vendido por 20 contos a José Francisco Gonçalves em 1834 (OTT, s/a, p. 43). A informação de OTT corrobora com os dados de Fiaz apresentados no parágrafo anterior.

O Engenho Acupe (da Casa da Ponte) foi desativado e, séculos depois, o lugar do engenho ficou conhecido como Acupe Velho, atualmente Fazenda do Milagre de São Pedro. Um lugar cheio de memórias, como as lembranças da mangueira de frutos azedos na beira da estrada, da água doce que brotava da fonte, das lendas da porteira que gemia, da bananeira que sangrava.

Pelas características do território, Acupe é um local de ocupação desde os povos nativos, depois com os colonizadores que instituíram o sistema de exploração do trabalho baseado no escravismo. As memórias da escravidão estão presentes na cultura material e imaterial desse território do recôncavo. Por meio das manifestações culturais, os populares

exprimem seus olhares, representações sobre o sistema escravista do passado, com destaque para forma como os escravizados conquistaram a liberdade.

## 2.2 AS RELAÇÕES DE TRABALHO

Muito já foi dito sobre escravidão, resistências e pós-abolição, mas estamos longe de saber tudo o que queremos sobre a escravidão e as liberdades refeitas. No entanto, com o que vamos descobrindo, podemos compor narrativas atuais significativas à contemporaneidade. No prefácio para o *Dicionário da escravidão e liberdade*, Alberto da Costa e Silva escreve:

Lemos comovidos esses enredos da vida em cativeiro. Não se estuda o escravismo sem emoção e sem um sentimento de vergonha e remorso. Embora a escravidão seja quase tão antiga quanto o homem na história e esteja presente no desenrolar de quase todas as culturas, é com extrema dificuldade que conseguimos estudá-la como algo que ficou no passado e lhe pertence completamente. A ela se aplicaria a afirmação de que não há história que não seja contemporânea, pois com a régua dos sonhos do presente medimos os sucessos que narramos. A escravidão que atuou, durante cerca de quatro séculos, a África à América, mostrou-se especialmente perversa porque os seus efeitos se prolongaram nos descendentes dos que lhe sofreram a violência. (COSTA E SILVA, 2018. p. 11).

No início do século XIX o número de escravizados na Bahia cresceu consideravelmente. E devido a abolição do tráfico, as comunidades escravizadas dos engenhos estavam passando por mudanças significativas na sua composição étnica. Walter Fraga aponta que:

Do total de escravos inventariados, apenas 10,2 por cento eram africanos. Os crioulos eram o grupo mais numeroso, totalizavam 65,3 por cento da mão-de-obra dos engenhos analisados. Juntando os crioulos e mestiços (pardos e cabras) verifica-se que os nascidos no Brasil constituíam quase 90 por cento dos trabalhadores dos engenhos (FRAGA FILHO, 2004. p. 27).

Para o autor, significa que os engenhos operavam com a maioria da população nascida no “país” diferentemente do que era observado na primeira metade do século XIX, quando o que predominava era o trabalho africano. Além disso, boa parte dessa população era de grupos familiares que estavam há muito tempo nas propriedades. Em seu trabalho Fraga consegue identificar “duas ou três gerações de famílias residindo e trabalhando juntas” o que, para ele, mostra que nessas propriedades os escravizados tinham chances de constituir família e manter uma certa estabilidade de uma geração para outra (FRAGA FILHO, 2004. p. 27-8). Para mim, esse foi o caso que fez com que a comunidade de Acupe tivesse herdado tantas

memórias do período da escravidão. Esses laços familiares implicavam diretamente na definição de estratégias dos escravizados no período de pós-abolição. Porque muitas dessas famílias estavam inseridas em redes de parentesco, sejam elas consanguíneas ou ritualísticas, formando bases sólidas de uma comunidade. Fraga aponta que:

a proximidade geográfica dos engenhos, nos distritos açucareiros do Recôncavo, permite o intercâmbio permanente entre escravos de diferentes propriedades. Estes laços eram permanentemente realimentados nas festas, batizados, casamentos e sepultamentos feitos nas capelas dos Engenhos ou nas igrejas Matriz das freguesias [...] ao longo do tempo, essas comunidades acumularam grande experiência em forjar estratégias e gerar recursos que garantiram a sobrevivência material e cultural do grupo (FRAGA FILHO, 2004. p. 28).

Estratégias como essas são diferentes do que aconteceu em outros espaços<sup>4</sup>. Fraga continua apontando que mais de 50% dos trabalhadores desses engenhos tinham entre 11 e 40 anos e, foi graças a quantidade significativa de cativos em idade produtiva que os engenhos baianos possuíam, que foi possível continuarem em produção sem muitos transtornos. Segundo Fraga,

talvez por isso os donos de engenho tenham resistido à abolição imediata até às vésperas do 13 de Maio de 1888. Na década de 1881, os abolicionistas baianos tinham razão em considerar o Recôncavo açucareiro o maior e mais resistente reduto escravista da província. (FRAGA FILHO, 2004. p. 28-9).

Fraga identificou que proprietários da região estavam empregando trabalhadores livres e libertos no plantio e no corte da cana, por outro lado, os livres e libertos do Recôncavo tinham outras alternativas de trabalho que permitiam sobreviver sem precisar se empregar nas lavouras de cana. “Quando pensavam em alternativas de ‘transição’ para o trabalho livre e os senhores de Engenho em locais quase sempre defendiam a adoção de medidas duras de controle sobre os livres e libertos” (FRAGA FILHO, 2004. p. 30). Assim,

É impossível que, diante da diminuição do trabalho escravo e da dificuldade de mobilizar trabalhadores livres, a população nativa remanescente tenha sido deslocada para o serviço da lavoura. Observa-se, porém, um número significativo de artesãos -- sapateiros, pedreiros, marceneiros em ferreiros. Possivelmente, muitos cativos que foram listados como trabalhadores da lavoura tiveram o domínio de algum ofício artesanal. Depois da abolição, artesãos migraram para as vilas e cidades do Recôncavo e recorreram aos ofícios apreendidos nos engenhos como recurso de sobrevivência no meio urbano. (FRAGA FILHO, 2004. p. 31).

---

<sup>4</sup> Ver: MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX. 2ªed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 379p.



No Nego Fugido a encenação se dá basicamente mediante as representações das relações de trabalho que vigoraram no período escravista. Cada personagem vai ter uma função específica. Como é narrado nas cantigas o papel das negas:

**Seu Evilásio:** *“Solta Nega iá iá” é quando ele, preso, tinha que sair procurando dinheiro para comprar sua carta de alforria, então solta nega porque eram mais mulheres que vendia para varrer casa, para lavar, passar, cozinhar e aí você ia pedindo e conseguia o dinheiro para alforriar, aí muitas vezes eles pegava o dinheiro e não alforriava, muitas vezes até matava.*

A coletânea *Passados presentes* é uma série de quatro documentários sobre as trajetórias, memórias e práticas culturais dos descendentes dos escravizados na região da antiga província do Rio de Janeiro. Dentre os quatro filmes que foram produzidos pelo Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF), sob a direção geral das historiadoras Hebe Mattos e Martha Abreu; *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-Abolição* (2005), é o que mais se aproxima das narrativas escutadas em Acupe, pois o eixo narrativo examina

[...] as relações entre memória, escravidão e formas de pertencimento e cidadania. [...] abordam as releituras políticas da memória da escravidão no tempo presente, e a memória da escravidão enquanto presença do passado nas trajetórias de vida dos libertos e seus descendentes (MATTOS; RIOS, 2005. Texto introdutório do eixo temático “Memória, África, Escravidão” do LABHOI).

Ou seja, as relações de trabalho perpassam gerações por meio do imaginário das pessoas em comunidade que, relembram de diversas maneiras, episódios marcantes da vida de seus antepassados e adotam as reminiscências de uma história coletiva.

### 2.3 IMAGINÁRIO E MEMÓRIA HERDADA DA ESCRAVIDÃO: REMINISCÊNCIAS DE UMA HISTÓRIA COLETIVA

*“A memória é um cabedal infinito  
do qual só registramos um fragmento”  
(Ecléa Bosi)*

Ecléa Bosi faz uma abordagem sobre memória coletiva que, nos permite imergir mais fundo nas relações das pessoas e das vivências em comunidade. Ela aponta que:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1979, p. 47).

A memória pode ser tanto individual quanto coletiva, mas as duas se entrelaçam, em determinado momento, no sentido de uma construção social. Se a sociedade em questão perde a memória social, isso pode representar o fim de sua identidade. Almeida aponta que:

A memória individual é a recordação, mas que só se torna um fato social quando expressada para outra pessoa. A memória seria formada: por acontecimentos vividos pessoalmente; vividos a partir da experiência do outro, através da projeção ou identificação com um passado, mesmo por pessoas que não o viveram; por ser constituída por personagens; e pelos lugares de memória, locais de realização dos atos de rememoração/comemoração (ALMEIDA, 2010. p. 2).

Depois que as discussões sobre memória se tornaram inescapáveis à historiografia, muito se tem dito sobre a noção dos lugares de memórias; o que seriam esses lugares; ou se todo lugar não é, potencialmente, um lugar mnemônico. Pierre Nora vai afirmar que antes de tudo, os lugares de memória são restos. Ele afirma que os museus, arquivos, cemitérios, coleções, as festas, os aniversários, os monumentos, os processos verbais, eles são “testemunhas de outra era, das ilusões de eternidade” e problematiza o perigo que há nesses “lugares”, pois há sinais de pertencimento de uma grupo em uma sociedade que tende a reconhecer somente “indivíduos iguais e idênticos”. E continua, pois, para ele:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados, nada mais faz do que levar a incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. [...] Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, salvá-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É esse vai-e-vem que os constituem: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva. (NORA, 1993. p. 13).

Nora afirma que só construímos lugares de memória, pois estes estão ameaçados e vemos a necessidade de preservação. O ritual festivo, invocado periodicamente torna-se um

lugar de memória para que relembremos algo significativo na história para a comunidade, nesse caso, as festividades do mês de julho em Acupe.

A memória entrou no debate historiográfico por muitas vias principalmente através da história oral como metodologia da pesquisa historiográfica. Le Goff afirma que “a maior parte das sociedades considera o passado como modelo do presente. Nesta devoção pelo passado há, no entanto, fendas através das quais se insinuam a inovação e a mudança” (LE GOFF, 1990. p. 114).

Se tornarem senhores da memória e do esquecimento foi e é uma das maiores preocupações dos grupos e indivíduos dominantes das sociedades históricas. A memória coletiva foi colocada de forma muito importante na luta das forças sociais pelo poder e, como reveladores desses mecanismos de manipulação de uma memória coletiva são os esquecimentos e os silêncios da história, ou seja, aquilo que o poder decidiu transformar em memória coletiva para manter um *status quo*. (LE GOFF, 1990. p. 227). Mesmo não sendo hegemônica, a comunidade de Acupe, composta de descendentes de escravizados cavou seu lugar na história a partir da encenação do cotidiano dos seus antepassados através do Nego Fugido.

A memória coletiva parece, portanto, funcionar nestas sociedades segundo uma “reconstrução generativa” e não segundo uma memorização mecânica [...] Assim, enquanto que a reprodução mnemônica palavra por palavra estaria ligada à escrita, as sociedades sem escrita, excetuando certas práticas de memorização *ne varietur*, das quais a principal é o canto, atribuem à memória mais liberdade e mais possibilidades criativas (LE GOFF, 1990. p. 227).

Já Pierre Nora vai dizer que se fala tanto de memória porque na verdade ela não existe mais e que essa busca incessante pelos lugares que retém essa memória “cristalizada” está nesse momento da nossa história em que existe uma ascensão à consciência de nós mesmos. E, esse sentimento de continuidade é o que traz as reminiscências da história nos locais, só havendo lugares de memória, porque não existem mais meios de memória. (NORA, 1989. p. 7).

Em muitas narrativas da comunidade se recria, de certa forma, episódios da história coletiva a partir das falas dos moradores daquela comunidade mesmo existindo essa dualidade entre memória e história, entre o que pode ser verdadeiro e o que pode ser fantasioso, neste caso, neste lugar, o que busquei foi o modo em que a narrativa é construída.

Apesar de sabermos que memória e história são diferentes, há muito mais proximidades entre elas do que distanciamentos. Há sempre lembranças, sentimentos,

imagens, percepções que aparecem quando queremos relatar algum acontecimento, seja em que tempo for. Aí a memória aparece para reavivar a história. A maioria dos relatos sobre a escravidão são reconstruções a partir de memórias somadas a outras fontes investigativas.

Muitos eram os casos de escravizados que matavam senhores de engenhos, mas também haviam aqueles que buscavam outras estratégias de enfrentamento que não as lutas corporais. A agência dos escravizados que empreenderam resistências cotidianas recorrendo à negociação e ao conflito<sup>5</sup>, conforme as condições materiais de suas existências foram decisivas para minar as bases de domínio escravista. Alguns desses casos foram investigados por Fraga Filho e provavelmente muitos povoaram e povoam as memórias do povo de Acupe e ajudaram a construir as manifestações que encenam e os festejos que brincam. Assim,

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1979, p. 47).

É importante frisar que a memória não é a história. A história enquanto narrativa pode se valer de memórias para narrar o que possivelmente ocorreu, no entanto, não podemos acreditar que a memória em si é história por que a memória inclusive pode ser herdada. Como Acupe é, e sempre foi, um local ocupado por pessoas que compartilham várias memórias, vivas e revividas, sobre o período da escravidão é por meio de suas manifestações populares que os acupenses mostram o que pensam sobre a instituição escravista e a maneira pela qual o escravizado teria conquistado sua liberdade. Apesar de se valer basicamente de depoimentos de outras pessoas, Monilson Pinto, acupense, em sua dissertação *Nego Fugido: o teatro das aparições* narra memórias que foram herdadas na comunidade e afirma que:

O ouvir falar sobre a relação entre senhor de escravos e escravizados gerou uma memória coletiva que é cotidianamente alimentada nas rodas de prosas dos pescadores no cais do porto do distrito, principalmente, quando chegam do alto-mar e contam os *causos* e mistérios envolvendo as maldades dos antigos feitores. As misteriosas histórias do perverso senhor de escravos Francisco Gonçalves, dono do engenho que deu nome ao atual distrito, foram as que mais contribuíram para a rica memória dos moradores. (PINTO, 2014. p. 7.).

---

<sup>5</sup> Ver: REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociações e Conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Walter Benjamin, em *Sobre o conceito de história*, também corrobora com os argumentos para essa construção mnemônica na narrativa pois: “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo” (BENJAMIM, 1994, p. 224).

Certamente os depoimentos coletados por mim e por Monilson estão impregnados da construção social de identidade em que os interlocutores estão inseridos. Numa palestra sobre os dias seguintes à abolição, anotei no caderno de campo o que ouvi o Professor Petrônio Domingues afirmar que um dos seus depoentes em suas pesquisas dizia que “só não comemora a abolição quem não sentiu as dores do açoite”. Ele não viveu a escravidão, mas o seu pertencimento identitário o fez ocupar o lugar do escravizado no sentido de uma memória herdada do período.

Se somos aquilo que lembramos, somos também aquilo que escolhemos esquecer porque é comum emergir para a superfície das águas mnemônicas somente o que é coerente com o momento do presente. É preciso assim, estranhar nas narrativas da comunidade que o que mais a população conte são as histórias de um senhor de engenho ruim estando atualmente num período em que as pessoas negras têm suas narrativas carregadas de influências das políticas afirmativas, diferentemente de 50 anos atrás, onde, podemos supor, que estas mesmas pessoas pudessem valorizar em suas narrativas mais a figura do rei ou da princesa Izabel e menos a dos escravizados.

Tendo essas reflexões em mente, no texto da dissertação, Pinto narra a história que seu personagem ouve atentamente da Tia Neném contando que os moradores de Acupe, ouviam sempre, de madrugada, o som de um lamento angustiante e os trotes de um cavalo nas ruas da comunidade. A Tia conta que montado ao cavalo ia um velho com ar de imponência vestindo fraque e cartola, que seria o fantasma do antigo senhor do Engenho Acupe, Francisco Gonçalves, a caminho de uma de suas “ex-fazendas” procurando ouro, já que morreu numa época de decadência comercial com a crise do açúcar no Recôncavo. Outra motivação deste senhor seria fiscalizar as atividades dos seus escravos, como costumava fazer quando ainda estava vivo. Tia Neném conta que Gonçalves ouvira dos índios que haveria ouro em uma das suas propriedades então ele, de pronto, encaminhou um pedido de autorização à Coroa portuguesa para explorar a suposta mina e deslocou seus escravos para uma incansável busca desse ouro. A exploração durou vários anos e não teve nenhum sucesso e então Gonçalves resolveu que já era hora de parar. Quando a busca acabou, o lugar passou a ser chamado de Fazenda Descanso (PINTO, 2014. p. 18).

Segundo interpretações de Pinto, muitas pessoas foram mortas por este senhor de engenho, com requintes de crueldade, e tantos foram os escravizados mortos por ele que eram enterrados no fundo da fazenda e, não se sabe o motivo, em cada cova Gonçalves mandava plantar uma árvore. “Várias bananeiras teriam sido plantadas naquela época. Hoje, o local se transformou num bananal e se alguma bananeira é cortada, *o sangue dos escravos enterrados ali é visto escorrendo sobre seus troncos*, dizia tia Neném” (PINTO, 2014. p. 18).

Não foram encontradas provas documentais da existência de senhor de engenho em Acupe chamado Francisco Gonçalves. Contudo, o que se faz interessantes nessas narrativas, também presentes em “Memórias do cativo” é que encontramos histórias de senhores cruéis que são atormentados pós morte por algum tipo de justiça divina pelos castigos que impuseram e, também encontramos histórias de escravizados com atos de bravura em busca de sua liberdade.

#### 2.4 NEGO FUGIDO: UMA ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA NO PÓS-ABOLIÇÃO

*“Trabalha nego, nego trabalhou”*

*(Nego Fugido de Acupe).*

O Nego Fugido é uma manifestação cultural que, além de retratar a escravidão, denuncia também que, naquele período, muitas fugas ocorriam motivadas, não só pelos maus tratos, como também pela sobrecarga de trabalho imposta pelos feitores. Fraga relata que na década de 1930 o escravizado Argeu, lembrando os seus últimos anos de escravidão em um engenho no Recôncavo, contava: "Eu fugia de propósito. Era o único meio da gente descansar. Tomava bolo e chicote, mas uma semana no tronco, curado pelo feitor, com cachaça, sal e pimenta, valia mais que o castigo do trabalho dia e noite". Outra estratégia de resistência, que seu Argeu conta e Fraga relata, é que ele se fingia de doente para não precisar trabalhar (FRAGA FILHO, 2004. p. 38).

O “Teatro das aparições”, que é o Nego Fugido, encena todos os domingos do mês de julho pelas ruas de Acupe, um grande espetáculo teatral (sim, porque as aparições são divididas, inclusive, em atos) a céu aberto que reconta, em suas encenações, as memórias da escravidão através de narrativas de dor, sofrimento e ludicidade. O acupense Domingos Fiaz (2012), descreve-o como:

Uma peça teatral [...] onde os caçadores andam com negros amarrados, pedindo a sua liberdade aos populares dizendo o seguinte: “Solte a nega aia” e frisando “a nega é boa, lava prato, varre casa, e sabe fazer tudo”. O pedinchão ajoelha aos pés das pessoas com o intuito de receber algum trocado para pagamento de sua liberdade, que acontecerá mais tarde, com a entrega de tais valores ao rei. Após a liberdade, os negros e os caçadores, ao som dos atabaques, bailam de alegria, cantando a música: “Ou aia me soltou, ou aia me soltou” (FIAZ, 2012, p.145).

Quando as pessoas da cidade falam sobre o Nego Fugido estão se referindo aos caçadores de escravos que são as pessoas que vão adentrar as matas atrás dos “negos” e das “negas” que fugiram na tentativa de se livrar dos maus-tratos e alcançar algum mocambo/quilombo. Nas “aparições” do Nego Fugido, este caçador torna-se um dos principais personagens da cena, é ele quem mais chama a atenção e atrai os olhares dos espectadores: nativos, turistas, pesquisadores e dos fotógrafos. O que faz com que este personagem mais chame a atenção são as suas roupas, o jaleco de couro, que é comumente usado, cabaças, espingarda, o rosto pintado com uma mistura de carvão e óleo, a anilina vermelha que escorre da boca numa alusão ao sangue e a saia feita com as folhas secas da bananeira que permitem que eles despistem o som de suas pegadas ao adentrar as matas para capturar “as negas” e vendê-las ao público que assiste ao espetáculo.

Outros personagens compõem a “aparicação”, são eles:

- As negas, que são personificadas pelas crianças que usam um short branco (antes azul), pintam o rosto com a mesma mistura preta de carvão e óleo que usam os caçadores e também colocam anilina vermelha na boca. Eles têm o papel de escravizados que fogem e acabam derramando sangue tentando se livrar do caçador;
- O capitão do mato, no Nego Fugido, é aquela figura que vai impor respeito sob os demais, é hierarquicamente superior aos caçadores. Com chicote em punho ele grita ordens aos caçadores para que estes vendam as negas que estão tentando juntar dinheiro para comprar sua carta de alforria;
- O rei é uma figura tosca que está, durante todo percurso, acompanhado de seus guardas que asseguram sua proteção enquanto ele arrecada o dinheiro que as negas conseguiram;
- Os guardas, como já mencionado, se prostram um a cada lado do rei, representando a força militar e agride fisicamente os que tentarem chegar perto da figura do monarca;

- Os tocadores de atabaque, puxadores das músicas do Nego Fugido, que embora não possuam o papel de atuação como o dos outros personagens, se posiciona no centro do palco e “dita” a ordem da narrativa através dos toques e das músicas;
- A madrinha do Nego Fugido, também entendida por alguns como a princesa Isabel, inclusive o próprio Monilson Pinto na sua dissertação, uma vez que Dona Santa era a única mulher com papel de destaque no Nego Fugido, há indícios de que Pinto associa a imagem de Dona Santa à da princesa Isabel nas páginas 6 e 140 de PINTO, 2014. É essa personagem representada por Dona Santa que, na encenação, convence o rei a dar a carta de alforria para os escravos.

Num dos domingos de visitação ao Nego Fugido, um dos comentários foi de que a imagem daquela mulher acenando o lenço branco para “fazer a paz” do Nego Fugido como a própria Santa diz, é de que ela lembrava Nossa Senhora da Glória, glorificada como “Rainha no céu e na terra”, mas também podia representar o papel de uma *Ekede*, função de respeito que é dada a mulheres no Candomblé, já que as aparições são sempre acompanhadas por homens que tocam os atabaques e entoam cânticos que muitas vezes são desta religião. Ora, não há um problema em ser uma coisa ou outra, pode haver uma multiplicidade de sentidos em um mesmo personagem. Dona Santa me disse que sempre teve que haver uma mulher no grupo para “fazer a paz” do Nego Fugido. O que me leva a pensar em analisar futuramente as relações de gênero dentro do grupo.

Outras análises se podem fazer acerca dos personagens, como colocar uma pessoa esquelética para ser o rei, dando a ele aquele lugar de pequenez e trazendo a Isabel com a braveza de Dona Santa.

O ato final dessa manifestação acontece no último domingo de julho, que é quando escravizados e caçadores se juntam para se rebelar e travam uma batalha contra os militares, exigindo do rei o fim da escravidão. Para Pinto nesse momento: “as figuras pareciam mais violentas, os caçadores não obedeciam mais ao comando do capitão do mato e investiam contra os militares. O capitão do mato, furioso, tentava impor sua autoridade, sem sucesso” (PINTO, 2014. p. 5). Nas palavras de **Seu Evilásio**: *O último dia, a prisão do rei significa revolta contra os senhores de Engenho, é como se fosse uma greve, a revolta dos negros dizendo não mais à escravidão.*



Quando o rei é capturado, depois disso, é levado à praça pública e os negros (sejam eles escravizados ou caçadores) exigem do monarca a carta de alforria aos gritos pela liberdade. O rei passa a culpa para os militares, dizendo que a carta está nas mãos deles e se inicia outra batalha contra os militares que depois de serem espancados pelos caçadores rendem-se e o rei então entrega a carta de alforria ao capitão do mato que a lê para todos os espectadores.

Pinto descreve o conteúdo da carta:

*Carta de alforria! Senhoras e senhores, por ordem de pena de morte do nosso rei, foi entregue a carta de alforria! Como todos nós sabemos, os negros vinham da África para trabalhar como escravos no Brasil, até que em 1880, a princesa Isabel libertou os escravos. E hoje nós estamos aqui para contar um pouco da nossa história, viva a nossa liberdade!* (PINTO, 2014. p. 6).

Duas coisas acerca da carta do Nego Fugido apresentada por Pinto: a primeira é que ela se difere da Lei Áurea, lei que “declara extinta a escravidão no Brasil”, última das 4 leis abolicionistas<sup>6</sup>. A Lei Áurea (segundo Seu Evilásio, o caçador mais antigo do Nego Fugido, tem esse nome, pois foi escrita com uma pena de ouro), Lei Imperial 3.353 de 13 de maio de 1888 assinada pela princesa Isabel, o que apresenta supostamente uma tentativa do grupo em recriar um final próprio do grupo à escravidão; a segunda coisa é que na carta que Pinto transcreve consta que a princesa libertou os escravizados em 1880, oito anos antes da assinatura da Lei Áurea, no que se pode considerar apenas como um erro gráfico ou fazer outras leituras sobre o mesmo.

Depois disso acontece o “leilão do rei **de Portugal**”, sendo que quando acontece a abolição por Isabel assinada, era Brasil Império, a corte portuguesa já não era oficialmente dona da antiga colônia. Quando é feita a leitura da carta pelo capitão do mato, o rei é preso e Dona Santa pergunta ao público se alguém ali deseja comprar a liberdade daquele rei, em meio a vaias e gritos da população aparece alguém que o compra por poucas moedas, como se ele fosse uma das negas que eram vendidas nas encenações, e ele é solto, mas não reassume o poder que agora está nas mãos dos negros em festa pela obtenção da liberdade.

O Nego Fugido recria um fim para os negros escravizados e todos aqueles que tenham vivido aquele período. Podemos também pensar que a soltura do rei pode revelar que talvez nesse pensamento de que o Brasil ainda fosse colônia de Portugal, os participantes quisessem

---

<sup>6</sup> As quatro leis abolicionistas são: a Lei Eusébio de Queirós de 1850, seguida pela Lei do Ventre Livre de 1871, a Lei dos Sexagenários de 1885 e finalizada pela Lei Áurea em 1888.

dizer que as relações sociais não mudaram muito ou que nem todo mundo sabia ainda que a colônia era independente.

Supondo que esteja influenciado pelo contexto histórico-social atual, Paulinho faz uma reflexão acerca do Nego Fugido e a escravidão, ele diz que:

*A escravidão não acaba com a princesa Isabel, entendeu, a escravidão a gente tem que falar um pouco de Zumbi, né, que começa a luta por Zumbi e o Nego Fugido ainda conta esse relato, quando chega a parte do capitão do mato, entendeu, que o nego começa a correr, a trabalhar pra comprar sua carta de alforria, e o capitão do mato e o rei, essa carta é negada, então aí vem a revolta, dos negros com o rei e o caçador, e os policial, pela briga da carta de alforria. Então, eu tenho pra mim que o Nego Fugido, ele em si, ele ainda é a metade da nossa escravidão, que aquilo ali conta a história da escravidão. E o Nego Fugido em si ele já é a escravidão.*

Fraga aponta que: “O fim do cativo representou uma notável vitória contra setores da sociedade baiana que defendiam a protelação do processo de abolição. Mas também a festa aconteceu em meio a muita expectativa sobre as transformações que deveriam seguir o fim do cativo” e continua mais adiante:

Houve festa em várias localidades da província. Uma autoridade da vila de São Francisco do Conde, coração da lavoura açucareira do Recôncavo, informou com preocupação que, desde o 13 de maio, os libertos se entregaram a “ruidosos” sambas durante noites seguidas. Em diversas cidades da região, recém-libertos juntaram-se a populares nos festejos e desfiles promovidos por associações abolicionistas. Um jornal da cidade de Cachoeira informou que, na noite de 13 de maio, “o povo se derramou pelas ruas” acompanhado de duas bandas de música. Das sacadas dos sobrados muitos discursos e vivas ao grande acontecimento. (FRAGA FILHO, 2010. p. 65).

Durante as aparições do Nego Fugido as pessoas sempre têm reações muito fortes, porque revivem experiências herdadas pela memória social que arrisco afirmar que se confundem com violências cotidianas de uma comunidade de pescadores e marisqueiras do recôncavo baiano. Essas pessoas comentam as cenas tristes da captura, maus-tratos e mortes dos escravizados, sentem medo das figuras, mas também é possível que entendam que há um valor e um sentimento de pertencimento ali. São reações que perpassam todas as idades, desde os mais novos aos mais velhos, sendo eles de dentro ou fora do grupo, da comunidade ou turistas. Nas percepções de Pinto:

No caso do Nego Fugido, a experiência extracotidiana da encenação de uma revolta de escravos, parece surgir como um passado, real ou mítico, evocado pelos manifestantes de Acupe em correlação com os problemas sociais vividos por eles. [...] *Brincar o Nego Fugido* seria uma forma de vivenciar um drama social, instaurando um momento de anarquia, onde os símbolos sociais de poder, como o

governo, que, no caso do Nego Fugido, é representado pelas figuras dos militares, fragilizam-se. O pescador vira rei e o rei é transformado em escravo pelo povo (PINTO, 2014. p. 13).

“O Nego Fugido tece seu enredo sobre as lutas contra a escravidão e o processo de conquista da liberdade” (PINTO, 2014. p. 7). Essas narrativas podem explicar o processo de recriação da violência vivida pelos escravizados naquelas terras e no Nego Fugido nesse cenário de pós-abolição.

### **3 A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NA MANIFESTAÇÃO DO NEGO FUGIDO: BRINCAR, FESTEJAR E APRENDER**

*“A luta continua  
Pra vencer o patrão  
Na rua, na fábrica  
E na hora da diversão.”  
(Convite: festa dos metalúgicos).*

Nesse capítulo se objetivou analisar os elementos de aprendizagem em história a partir da experiência de crianças e adolescentes que participam da manifestação cultural do Nego Fugido. Aqui também se intencionou identificar e descrever o significado da festa, qual o papel que ela exerce para a comunidade, por que as pessoas recorrem a esse momento.

O estudo dialoga com a temática do patrimônio histórico-cultural e ao mesmo tempo com o campo do ensino-aprendizagem de história ao propor que é possível identificar narrativas históricas sendo transmitidas de geração em geração através de uma manifestação cultural que ocorre há algumas décadas na região. Aqui se pensou uma educação patrimonial como instrumento de trabalho, compreensão e apreensão das realidades vividas no distrito de Acupe em Santo Amaro na Bahia, pensando também na aprendizagem de História em espaços educativos que não sejam as salas de aula, as universidades e nem os museus, e assim comprovar a existência de dispositivos de educação patrimonial nas manifestações culturais da localidade. Portanto, esta pesquisa desperta um olhar para como se dá o processo de inserção das crianças nas festas populares de Acupe, bem como o processo de transmissão de saberes da comunidade. Buscou-se entender como acontece a inserção das crianças nas festas populares de Acupe, como as crianças participam, como as gerações aprendem e como isso se insere na educação patrimonial e o modo como se mantém essas manifestações.

Tomando como exemplo a manifestação do Nego Fugido, pode-se afirmar que há representação do que foi vivido no passado, do que é contado e recontado ao longo das gerações e também do que se leu e ouviu sobre o escravismo e sobre o pós-abolição, durante todos os domingos de julho, tanto para os próprios moradores, quanto para aqueles que chegam de fora para assistir.

### 3.1 A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DA FESTA POLÍTICA

Podemos entender a consciência histórica como uma representação social que as pessoas adquirem mediante seu desenvolvimento no espaço e no tempo social. É ela que nos permite compreender a dimensão da própria história, sem a qual não poderíamos compreender quem somos ou o que fomos. Existem, na verdade, níveis de consciências históricas porque a consciência histórica de cada pessoa é alimentada pela memória individual e coletiva. Portanto, a memória é matéria-prima para a operacionalização da consciência histórica, pois por meio dela os eventos passados são lembrados e atualizados, a partir de questões do presente.

Em seus estudos Jorn Rüsen (2001), explica e destaca o papel do ensino de História, que tem uma cognição própria com o objetivo de dar orientação e compreensão à própria história das pessoas e dos grupos. Segundo ele, uma das finalidades da história é que nos orientemos, ou seja, usar o passado como orientação do presente. Os alunos devem compreender as ferramentas de construção desse passado, e assim, compreender melhor seu aprendizado. Assim, “a consciência histórica é, ao mesmo tempo, o âmbito e o objetivo do aprendizado histórico” (MEDEIROS, 2005. p. 7).

Para a narrativa histórica é decisivo [...] que sua constituição de sentido se vincule à experiência do tempo de maneira que o passado possa tornar-se presente no quadro cultural de orientação da vida prática contemporânea. Ao tornar-se presente, o passado adquire o estatuto de “história”. (RÜSEN, 2001.p.155).

Num dos diálogos com Paulinho, ele disse que o Nego Fugido não contava a história da escravidão, mas que ele era a própria escravidão e explica que o Nego Fugido traz:

*A parte do sofrimento, até chegar um pouco da parte da vitória, que ainda não estamos livres, né?! Mas é isso que eu falo, que o Nego Fugido em si ele é a escravidão, que ele conta o relato, conta e até hoje a gente briga pela nossa liberdade. Que os pessoal diz que a gente tá liberto, mas eu creio em si que não, que a escravidão ainda continua.*

A reflexão que Paulinho faz sobre ser liberto ou não atualmente, faz pensar, na verdade, sobre as condições sociais em que vive o povo da comunidade. Inclusive eu arrisco afirmar que a decisão de nos domingos de julho, escolher adentrar as ruas esburacadas, com esgoto a céu aberto, acaba denunciando sutilmente o descaso do serviço público para com a comunidade. Viver nessas condições na comunidade de Acupe pode ser uma representação

de escravidão que Paulinho aponta no seu depoimento. Assim, essa reflexão se junta de Rüsen que afirma: “o que é importante descobrir em relação a consciência histórica não é a extensão deste conhecimento implícito, mas o marco de referência e os princípios operativos que dão sentido ao passado” (RÜSEN, 1992. p. 35).

Associando a história a seus usos pedagógicos, sociais e políticos, é sobre o tipo de cidadão que queremos formar por meio do ensino, e levando em conta o público para o qual os resultados da produção historiográfica se dirigem, que precisamos falar.

Quando trata de assuntos do domínio comum à vida de muitas pessoas, sobre os quais não é necessário ter expertise prévia – que hoje chamaríamos de temas da ordem da história pública – a história responde, necessariamente, ao reino de debate das opiniões políticas: afinal, fala para e com problemas coletivos, capazes de afetar comunidades amplas de leitores que tem como característica comum a reivindicação do estatuto de cidadãos. (SILVA, 2016. p. 15).

Resumindo, tanto a história escrita quando a que é ensinada na escola tem um conteúdo político proposital. As experiências que são vivenciadas na vida política da sociedade ditam a forma pela qual a história é ensinada. A história como matéria que pode ser ensinada, por um viés político, precisou que fossem incorporados temas de interesse público. A formação da identidade nacional é fruto dessa incorporação de alguns temas à história. (SILVA, 2016. p. 17).

A produção acadêmica intelectual vai ajudar o “homem comum” a construir sua consciência histórica e, por tanto, política. É também a aquisição de um “senso histórico” que é “a disponibilidade e o talento do historiador para compreender o passado, talvez mesmo ‘exótico’, a partir do próprio contexto em que ele emerge” (CERRI, 2001. p. 05).

Como já mencionado, no momento em que a festa é palco para ações políticas, como percorrer (principalmente com os turistas) as ruas mais insalubres e fétidas, fazer com que os de fora saltem poças e esgotos a céu aberto, subam e desçam barracos, ao invés de mantê-los na parte central onde “a casa é mais arrumada” é um ato político em que a festa denuncia o descaso dos setores públicos para com a comunidade.

No momento em que se muda as versões oficiais de um enredo histórico para uma versão que contemple o protagonismo daqueles que foram invisibilizados pela historiografia, mostrando a um público atento e sedento por uma reparação histórica, que ali é um espaço de brincadeira e socialização tanto quanto é de luta e protesto é uma ação política. É o momento em que a comunidade assume sua consciência histórica e faz da festa política.

Se todas as pessoas desenvolvem um pensamento histórico que se transforma em consciências históricas, é possível afirmar que a construção do conhecimento histórico não é privilégio da sala de aula de história. Como afirma Barca:

As crianças têm já um conjunto de ideias relacionadas com a História, quando chegam à escola. O meio familiar, a comunidade local, os *media*, especialmente a TV, constituem fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens, que a escola não deve ignorar nem menosprezar. É a partir da detecção dessas ideias – que se manifestam ao nível do senso comum, e de forma muitas vezes fragmentada e desorganizada – que o professor poderá contribuir para as modificar e tornar mais elaboradas (BARCA, 2001. p. 16).

Sobre os princípios de aprendizagem em História, Barca aponta algumas estratégias no processo de conhecimento histórico dos sujeitos. Uma delas é sobre a aprendizagem se dar em contextos concretos:

É necessário que os conceitos façam sentido para quem os vai aprender. Existe uma multiplicidade de fatores da cognição a ter em conta. As vivências prévias dos sujeitos e a natureza específica do conhecimento, os tipos de tarefa a desempenhar, as aptidões individuais, são aspectos fundamentais para a progressão do conhecimento (BARCA, 2001. p. 20).

A historicidade é algo próprio da existência humana, bem antes de ser ensinada ou pesquisada, é algo que nos constitui enquanto espécie. Como diz Cerri (2001): “a consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não – ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens. A consciência histórica enraíza-se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida humana prática” (CERRI, 2001. p. 100), nesse sentido, a consciência histórica requer que o sujeito participe de uma coletividade e se torne referência para os demais de uma maneira que o tempo seja percebido e tenha significado na coletividade.

É desta forma que, pensando que a história é política e que a vida em comunidade pode e ensina história, uma história significativa, para aqueles sujeitos dotados de suas próprias consciências históricas que esta pesquisa buscou identificar a aprendizagem sobre a história da escravidão no palco das aparições do Nego Fugido.

### 3.2 APRENDENDO HISTÓRIA NA FESTA DO POVO DE ACUPE

Busquei a analisar a participação das crianças (aprendizagem de história) nas festas populares do Nego Fugido (outros espaços educativos) como um tipo de educação

patrimonial, uma vez que essa manifestação é patrimônio cultural imaterial. Afinal, “uma criança ou adolescente aprendendo a tocar um instrumento ou ensaiando um passo numa dança, para também fazer parte da festa da sua família, vizinhança ou comunidade, é uma pessoa que está aprendendo, assimilando uma compreensão de mundo e buscando uma forma de nele se inserir” (PESSOA, 2007. p. 4).

Uma criança que começa a frequentar uma festa vai começar a descobrir o que é preciso fazer para melhor se inserir na vida em sociedade. A festa é uma escola, um espaço de troca de saberes, na qual se aprende, antes de outras tantas coisas, como a vida na comunidade acontece, com seus conflitos e valores. Como já dito anteriormente, a festa é política. Aliás, pensar uma escola mais identificada com sua comunidade pode alavancar transformações sociais. Um exemplo disso é a experiência da Vanda Machado (2014) com a implantação do Projeto Irê Ayó na escola municipal situada nas dependências da comunidade de terreiro Afonjá em Salvador/BA que foi:

Concebido pela escuta das múltiplas vozes do cotidiano da comunidade Afonjá, pelas memórias e pelas vivências repetidas que se fundamentam em experiências de pensamentos migrados de lugares onde somente o cognitivo não alcança. Lugar onde a complexidade abraça realidades ampliadas e projetadas a partir de condições que incluem a ancestralidade, a memória, histórias míticas, a cultura, o corpo, o tempo e o espaço (MACHADO, 2014. p. 21).

Os professores, os pesquisadores, os pais, a comunidade em geral precisam estar atentos às crianças que estão aprendendo a partir da observação das práticas que são dadas naqueles círculos sociais, porque as crianças estão atentas e como diz Pessoa, quase sempre elas estão “olhando e querendo aprender, enquanto que outras já estão inseridas no grupo, tornando muito concretas as possibilidades de continuidade de cada grupo e da crença e da tradição que ele expressa e que o fundamenta” (PESSOA, 2007. p. 4).

As comunidades, as pessoas e os grupos populares tem outra relação com a escrita que não a de dependência, basta perguntar ao Mestre João do Boi<sup>7</sup> onde ele escreve as *chulas* dele e o mesmo dirá que estão todas guardadas na cabeça, então essas histórias estão grafadas em formas de cantigas, de danças, de lendas, ditados, comidas. “Os ingredientes que compõem a festa popular são também textos por meio dos quais a gente simples manifesta tudo aquilo que lhe toca mais profunda e intensamente” (PESSOA, 2007. p. 4). Sempre foi

---

<sup>7</sup> Mestre do samba de roda em São Braz.



assim que o povo registrou suas memórias, seus códigos, suas crenças, as lamúrias por causa do trabalho pesado, seus signos, suas esperanças, sonhos e também alegrias.

Aprendemos com os nossos pares ou com os mais experientes que se valem de histórias de vidas, provérbios e mitos vivenciais que se constroem ensinando aos menos experientes, aos mais novos, responsáveis pela continuidade da tradição. Cultivamos conhecimentos tecendo as prosas que vão se repetir infinitamente. Prosas de pessoas que são como arquivos vivos. Suas falas ajudam na compreensão da história que pode ser conhecida através dos mitos cotidianos, que não se deixam aprisionar num passado estagnante. A vida não para e a nossa busca, portanto, é dar um passo à frente do que é dito (MACHADO, 2014. p. 28).

Quando se tem discutido o tipo de educação que as crianças, principalmente as das comunidades, têm recebido nas escolas é pensando, que o conteúdo desenvolvido às vezes não tem significado real na vida dos estudantes, ou melhor, da vida deles em comunidade. Em se tratando de educação e mais precisamente em ensino de história, há que se considerar o sujeito, a relevância do conteúdo para aquela realidade e o modo como isso vai ser transmitido.

Num dado momento da pesquisa, estive em uma escola de Acupe no período do folclore, final de agosto de 2019, para ver como a escola trabalhava as manifestações culturais. Esta escola dividiu para que cada turma falasse sobre uma manifestação cultural do próprio distrito. A professora responsável pela turma do Nego Fugido, numa conversa comigo, disse que não entendia muito do Nego Fugido, mas que as pessoas falavam sobre ser um teatro na rua, mas para ela era “*um candomblé de rua*”. Relembrando aos seus alunos sobre o que tinha falado em sala ela perguntava:

**Professora R:** *Quando contei a história do Nego Fugido eu falei do que?*

**Crianças (várias vozes):** *da bananeira!*

**Professora R:** *Da bananeira, do engenho... que eram as coisas que tinham antigamente, lá no Acupe velho que era o engenho, não é isso? Aí a tia falou mais o que? Ninguém lembra?*

**(várias vozes)**

**Criança 1:** *que o Nego Fugido é importante!*

**Professora R:** *Tem Nego Fugido em Salvador?*

**Crianças:** *Não!*

**Professora R:** *Tem Nego Fugido em São Paulo?*

**Crianças:** *Não!*

**Professora R:** *o Nego Fugido é de onde?*

**Crianças:** *daqui!*

**Professora R:** *de Acupe! E viaja para outros lugares, não é isso? Por que a história aconteceu aonde? (não espera a resposta) Aqui em Acupe. E a gente viu que tinha dois colegas do grupo e ele cantaram não foi? Qual música eles cantaram?*

**Criança 2:** *Óia ê ó iabá...*

**Professora R:** *Venha J cantar (o menino do Nego Fugido).*

J canta várias músicas na ordem em que elas parecem na encenação do Nego Fugido.

**Professora R:** *Palmas para o colega!* (e continua com seu cronograma normal).

A análise da atuação dessa professora possibilita entender a relação do ensino formal com o Nego Fugido. O Nego Fugido, mesmo carregando traços de religiões de matriz africana, possui um conhecimento acerca da história da comunidade no período da escravização que faz parte e está refletido na vida da comunidade hoje independente de qual religião tenha predominado nos últimos tempos.

**Joice:** *como é que vocês ensinam o que a escola não ensina?*

**Paulinho:** *eu acho que a escola pinta muito a escravidão como aquele negro da senzala [...] você abre um livro e vê aquele negro escorado na parede conversando com o capitão do mato, pinta a princesa Isabel como se fosse a princesa que libertou os negros e não tinha nada haver! A gente conta a eles que pra gente ter a liberdade que a gente tem hoje, nossos bisavós brigaram, nossos bisavós guerrearam, entendeu? [...] a princesa Isabel assinou o papel da lei Aurea, mas antes disso teve muita revolta. E a gente passa isso pra eles, que o negro não foi livre porque da princesa Isabel. A gente conversa muito com eles sobre os quilombos que existem dentro da nossa comunidade, e qual a importância da gente prevalecer com a nossa cultura.*

Quando reconstituímos a história coletiva, juntamente com as crianças e o grupo social em que vivem suas tradições e costumes que são passados hereditariamente no seu cotidiano isso possibilita a eles vários tipos de análises sociais que fazem com que os mesmo sintam-se parte da história, quando se associa a vida de seus antepassados com a vivência dos momentos históricos do qual eles fazem parte nas ruas de Acupe. Este tipo de trabalho, inclusive é destacado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, uma vez que utilizar:

A História Local como ferramenta pedagógica é uma alternativa a ser considerada, uma vez que este conhecimento poderá nos fazer refletir sobre a formação dos sujeitos históricos e sobre o nosso fazer pedagógico. As Diretrizes Curriculares de História que norteiam o trabalho da disciplina em sala de aula enfatizam em vários momentos o uso da História Local como metodologia para o ensino de História, como no trecho: “O estudo das histórias locais é uma opção metodológica que enriquece e inova a relação de conteúdos a serem abordados, além de promover a busca de produções historiográficas diversas” (PARANÁ, 2008, p 71).

Vale destacar também que os Parâmetros Curriculares Nacionais de História, demonstram alternativas que favorecem a compreensão dos alunos em relação ao estudo da memória na construção do conhecimento histórico. Onde se destaca a importância da

construção da identidade individual e social, sendo esse um conceito fundamental, já que há uma relação estreita entre a identidade e a memória. Citando os próprios parâmetros:

A pesquisa histórica esforça-se atualmente por situar as articulações entre a micro e a macro-história, buscando nas singularidades dos acontecimentos as generalizações necessárias para a compreensão do processo histórico. Na articulação do singular e do geral recuperam-se formas diversas de registros e ações humanas tanto nos espaços considerados tradicionalmente os de poder, como o do Estado e das instituições oficiais, quanto nos espaços privados das fábricas e oficinas, das casas e das ruas, das festas e das sublevações, das guerras entre as nações e dos conflitos diários para sobrevivência, das mentalidades em suas permanências de valores e crenças e das transformações advindas com a modernidade da vida urbana em seu aparato tecnológico. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2000. p. 21).

Para Pessoa, a educação patrimonial é uma das possibilidades que mais auxiliam na apreensão e compreensão do patrimônio local, embora, segundo ele, seja um instrumento relativamente novo, a educação patrimonial “considera os bens culturais como fonte de aprendizado, onde o meio ambiente e cada parte contribui para a compreensão do ‘todo’” (PESSOA, 2007. p. 34).

Parafrazeando o finado Alumínio, tocador do Samba Chula de São Braz, as pessoas morrem e os mais novos não aprendem como acontecia antigamente. Essa era uma dúvida constante: se as novas gerações não têm mesmo interesse pela cultura de sua comunidade. Afinal...

quando uma criança está em uma roda de Congo olhando como se toca uma “casaca”, com a convicção de que, assim que lhe for dada ocasião, saberá fazer o mesmo som, ou quando outra criança, não mais do litoral capixaba, mas do interior de Goiás, abstrai-se do conjunto da cantoria de uma Folia de Reis e se fixa nos movimentos do folião que bate a “caixa”, igualmente com a certeza de que um dia também repetirá a mesma cena, o que ocorre, nos dois casos e em uma infinidade de outros semelhantes, é uma “situação de aprendizagem” (PESSOA, 2007.p. 4).

Ou, como D. Santa relata, que sua primeira experiência com o nego fugindo era indo “espiá”: “*um dia eu fui espiá, eles aí me chamou pra fazer a prisão, que sabia que eu sabia fazer, aí fiz*”. Hoje ela é madrinha do Nego Fugido, uma figura que inspira respeito. É comum ver os meninos e meninas esperando a oportunidade para fazer parte daquela festa. Imitam seus mais velhos muitas vezes, como brincadeira. Então a questão é como as crianças que estão naquele meio estão assimilando esses conhecimentos?

Vanda Machado contempla a fala de Sr. Alumínio quando, em *Prosa Nagô educando pela cultura*, diz que “cada geração transmite a mesma força vital em forma de relato,

provérbios, mitos, canto, dança, poesia, ritmo e emoção. É como se a comunidade, não podendo voltar à África, recriasse uma África livre no Brasil, continuando a história dos ancestrais” (MACHADO, 2014. p. 29).

### 3.3 O QUE É APRENDIDO E O QUE É ENSINADO NO NEGO FUGIDO

Durante o percurso de coleta de dados na comunidade de Acupe, muitos dos meus colaboradores utilizaram expressões do tipo: “*meus avós falavam*”, “*o pessoal mais velho contava*”, “*eu ouvi dos meus mais velhos*”. Outra coisa marcada era a validade que essas pessoas achavam necessário passar, ao dizer que começaram a praticar aquilo quando criança e continuam fazendo, como Seu Evilásio que disse: “*A primeira vez que eu fiz o Nego Fugido eu tinha sete anos de idade... eu tô com 62 anos e 6 meses*”. Ou quando Paulinho conclui: “*que a gente não fugiu da tradição, a gente continua até hoje contando as mesmas histórias que a gente viu os mais velhos falar e a gente viu os mais velhos fazer*”.

Toda essa busca pelo prestígio que a “velhice” dá às pessoas em comunidade serve para refletirmos que, para além da fixação do ensino formal nas escolas, existe a relação de aprendizagem de desenvolvimento de saberes nas ações comunitárias cotidianas. Uma vez que só existe ensino se houver uma aprendizagem, há sempre quem ensine e quem aprenda, mas também há uma lacuna quando não há essa comunicação de uma geração para a outra. Walter Benjamin (1994) enfatiza o significado de experiência quando nos conta sobre a parábola de um velho em seus últimos momentos de vida e continua dizendo que esse significado sempre fora *comunicado* aos jovens:

De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contada a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1994. p. 114).

Quando Benjamin se questiona sobre haver ainda “pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas”, me questiono se há um jeito “correto” de se contar história, na comunidade é possível que sim, essa afirmação está presente em inúmeros relatos dentre os moradores de Acupe, que rejeitam histórias que não sejam as que a comunidade herda. Talvez esta pesquisa não consiga responder a todas as questões do velho, mas, pela

vivência na comunidade em questão, ainda há pessoas que saibam contar histórias como elas julguem que devem ser contadas, os ensinamentos ainda são passados de geração em geração, os mais velhos ainda se valem de suas experiências de vida para transmitir conhecimento aos mais jovens, mesmo que esses não os sigam num primeiro momento.

**Figura 3** - Preparação do Nego Fugido, julho de 2018



Foto: a autora.

Aprendizagem consiste ainda numa relação de obediência ao mais velho, mas também de cuidado com o mais novo. Ao analisarmos a imagem acima, a impressão que se dá é de que o menino (a nega), ao ser pintado, está levando uma bronca, seja por algo que fez, ou por algo que possa fazer durante a encenação. No entanto, no momento de captura da imagem, o diálogo era:(caçador), dizendo: “*tá ardendo não?* (ele diz que não), *se tiver ardendo fale!*”. Uma imagem fora de contexto pode ser lida de várias maneiras, inclusive como mera ilustração, pode ser um registro visual do diálogo do que eu relatei, ou não, então será que a fotografia tem que ser uma cópia fiel das coisas?

Quando Mauad aponta a fotografia como instrumento de uma memória documental da realidade e, ainda assim ser “concedida em toda a sua amplitude”, ela não limita as nossas investigações acerca desse registro. Uma vez que:

[...] entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a idéia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (MAUAD, 1996. p. 74).

Várias vezes, ao chegar na comunidade, há a dificuldade em coletar os dados. As pessoas estão fartas de tantos pesquisadores que chegam e não retornam, no entanto quando se é levado por alguém de dentro, quando já há um vínculo pré-estabelecido com a comunidade, a questão é, ou deveria ser, um pouco mais fácil. Algumas das entrevistas realizadas foram mais fáceis de coletar, inclusive quando essas entrevistas foram com as pessoas mais velhas, que já me conheciam, ou que conheciam a pessoa que estava comigo, mas com as crianças e adolescentes, que tem um papel fundamental nessa pesquisa não foi assim.

Marquei várias vezes encontros com algumas dessas crianças, na intenção de desenvolver um grupo focal, mas na maioria das vezes somente uma ou duas aparecia e eu, inexperiente, remarcava. Chegou um momento em que o tempo não permitia mais esta abordagem e eu fui “buscar” essas crianças nas escolas, outra empreitada porque envolvia a esfera institucional, que resultou naquele diálogo com a Professora R, que relatei anteriormente. Naquela experiência na escola, percebe-se que, das histórias contadas, os casos que envolvem as lendas locais com as crueldades da escravidão são os que mais fixam no imaginário das crianças, a exemplo do caso do dono de engenho que enterrava os escravizados, alguns ainda vivos e plantava bananeiras no lugar, como dito no capítulo anterior:

**Professora R:** *Quando contei a história do Nego Fugido eu falei do que?*

**Crianças (várias vozes):** *da bananeira!*

**Professora R:** *Da bananeira, do engenho... que eram as coisas que tinham antigamente, lá no Acupe velho que era o engenho, não é isso?*

Depois disso, encontrei com um professor de capoeira que me levou na casa de alguns meninos, que eram seus alunos e que também participavam do Nego Fugido no papel das negas, outros também foram ao meu encontro na casa em que eu estava em Acupe. Consegui fazer, separadamente, perguntas específicas para eles, embora timidamente, algumas respostas curtas possibilitaram interpretações sobre um dos propósitos da pesquisa que é saber se as crianças e adolescentes do Nego Fugido aprendem sobre a escravidão fazendo parte do grupo, ou simplesmente o observando. Em todos os relatos dos participantes do

grupo, há uma escala hierárquica nos papéis, onde cabe às crianças o papel de negas. Paulinho diz que:

**Paulinho:** *Comecei como nega, todos que entra ali começa como nega e... a gente vai tendo entendimento do que é as coisas, aí com o tempo a gente vai vendo a dramatização dos caçadores, a gente começa a fazer... quando chega assim a 15 a 16 anos, mesmo, meu primeiro papel de caçador eu tava com 16 anos. Aí foi meu primeiro papel de caçador.*

Significa que todas as pessoas quando atingem a idade de 16 anos se tornam caçadores? Não. Há uma série de coisas que dizem que essa “nega” vai se tornar caçador, fatores biológicos, psíquicos, antiguidade, comportamento, etc., e, apesar de existir também a vontade de “ascender socialmente” no grupo (vamos voltar nisso mais à frente), para algumas “negas” não há essa relação de desprestígio em sê-la. Fazer parte do grupo já é ter um contributo histórico:

**Nega E:** *eu sou uma nega, a nega é uma das partes que eu acho principal, porque [...] é os escravos mesmo, que era capturado pelo caçador. Aí a nega fica em volta dos matos e quando a gente passa eles [o caçador] captura pra gente trabalhar pra eles.*

Quando perguntados sobre o que eles sabem sobre escravidão as respostas são parecidas, como a Nega E dizendo: “*pra mim escravidão é o povo que trabalha forçado, de dia a noite, não tem seus direitos*”. A Nega L também disse que:

**Nega L:** *pra mim escravidão é quando as nega era caçada, que era é... trabalhava aforçado e apanhando.*

**Joice:**  *você acha que isso já acabou?*

**Nega L:**  *já.*

**Joice:**  *e o que você acha que era mais a escravidão?*

**Nega L:**  *que eles matava os negros que fazia rebelião.*

**Joice:**  *eles quem?*

**Nega L:**  *o caçador.*

**Joice:**  *e o caçador era mandado por quem?*

**Nega L:**  *pelo capitão do mato.*

**Joice:**  *e o capitão do mato era mandado por quem?*

**Nega L:**  *pelo rei.*

**Joice:**  *você acha que o caçador e o capitão do mato queriam fazer isso?*

**Nega L:**  *não. Eles era aforçado também, porque eles era negro.*

**Joice:**  *e o que você acha que o Nego Fugido representa?*

**Nega L:**  *a escravidão.*

A Nega L tem 12 anos de idade, está no 6º ano e, pressupõe-se, que ainda não tenha estudado a escravidão moderna e o tráfico de escravizados, já que na atual BNCC<sup>8</sup> dos anos finais do Ensino Fundamental de História, traz esse conteúdo apenas no final do 7º ano, ainda assim, ele sabe identificar basicamente a condição do negro escravizado e as divisões sociais de poder do sistema escravista. A Nega E, ao explicar o papel das negas no grupo faz a seguinte análise: “*quem trabalha bem tem sua carta de alforria, tudo direitinho, aí depois eles escolhe outra pessoa*”. Nesse caso, ele diz que o caçador vai capturar outra nega para escravizar e esta terá que trabalhar para conseguir sua carta de alforria. E que trabalho era esse?

**Nega L:** *o rei fica comandando o capitão do mato, pro capitão do mato comandar os caçador, e as negas fica aforçada a trabalhar.*

**Joice:** *como é esse trabalho?*

**Nega L:** *é... carregar pedra, fazer coisa na lavoura, na cana-de-açúcar.*

**Joice:** *e vocês fazem isso?*

**Nega L:** *só quando canta a música*

**Joice:** *que música?*

**Nega L:** *trabalha nego*

**Joice:** *e vocês fazem isso? Carregam pedra, essas coisas?*

**Nega L:** *não, a gente fica no chão fingindo que tá trabalhando.*

**Figura 4** - Encenação do Negro Fugido, julho de 2019



Foto: a autora.

<sup>8</sup> Base Nacional Comum Curricular é um documento do Ministério da Educação que apresenta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas do país.



Durante uma das minhas entrevistas a Paulinho, ele comentou que existe um processo de “reciclagem” pelo qual as crianças do Nego Fugido passam, onde, nas sextas-feiras antes do grupo sair no domingo, há uma roda de conversa com os meninos e eles explicam a importância do Nego Fugido, os papéis que cada componente do grupo exerce e como se dá a encenação. Infelizmente, eu só soube da existência desses encontros depois que já haviam ocorrido, não havendo a possibilidade de participar de nenhum. Uma das negas me falou sobre esse momento onde falam para eles: *“dançar direito, cantar, responder o coro, porque tem uns que não respondem não. E a gente fica ensaiando lá também”*. **Joice:** *e eles explicam a história do Nego Fugido?* **Nega L:** *só as vezes...* **Joice:**  *você lembra de alguma dessas vezes?* **Nega L:** *não.*

O fato dele não lembrar naquele momento, não significa que ele não tenha aprendido nada, até porque nas ações durante a festa e até conversando comigo ele explica o que é o Nego Fugido, os papéis sociais e a relação com a escravidão. Faz lembrar inclusive, de momentos em sala de aula quando o professor pergunta ao aluno o que ele lembra sobre o conteúdo ensinado e ele diz que não se lembra de nada.

Se você chegar a Acupe e não souber onde está o Nego Fugido, siga o rastro de sangue. De sangue e de palhas de bananeira, esses são sinais de que o Nego Fugido passou por ali. É um cenário que vai se misturar com as condições sociais e a violência urbana atual e a recriação por meio das, e com as crianças da violência da escravidão. Sobre esse tema Paulinho diz que: *“a gente prepara muito eles sobre isso, pra na hora eles... tem muitos que ficam chocados, mas é praticamente, sendo sincero, pra eles é normal”*. Essa atitude de acabar normalizando a violência foi uma das coisas que mais me causou estranhamento, seja assumindo papel de mãe, de irmã, de professora ou até de historiadora, é realmente preocupante naturalizar a violência contra corpos negros seja na “vida real” ou na encenação do Nego Fugido, é uma problemática que precisaria ser discutida dentro do grupo. Ele continua: *“[...] Joice, a violência tá em tudo quanto é lugar. Às vezes nós tentamos reprimir certos tipos de coisa, mas num depende só da gente, né?! A gente trabalha muito com os meninos, com os mais jovens, até as crianças, falar um pouco da violência, que não pode ser assim, que tem que mudar, mas aí depende muito da criação”*.

Se se entende que a criança aprende sobre escravidão com o Nego Fugido, esse diálogo sobre o pós-abolição faz parte da aprendizagem também, então não depende somente da criação doméstica, o indivíduo apreende coisas em todos os seus ciclos sociais de convivência e interação.

Festejar [...] é, antes de tudo, aprender o quanto temos de riqueza e de sabedoria a preservar e, ao mesmo tempo, o quanto temos a aprender com as transformações da história, com a lenta mudança das mentalidades. [...] A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias” (PESSOA, 2005, p.39).

A música também tem seu papel educador, ela ensina. Cotidianamente a música ocupa vários espaços na vida das pessoas, seja enquanto distração e lazer, seja enquanto significado ou linguagem, há na música uma relação dialógica do mundo com a vida em comunidade. Um dos aspectos perceptíveis na música são as relações sociais que esta estabelece e proporciona principalmente em festejos populares que mexem com o imaginário das pessoas e alteram seu estado emocional e conseqüentemente corporal, por exemplo:

**Paulinho:** [...] *a gente faz de acordo às músicas. A gente dança de acordo a música, é... a música que dá aquela... aquela emoção pra poder você fazer, entendeu?! A música é que diz o que fazer. A gente sabe que tem que ficar ali, e fazer uma dramatização, e tem coisa que aparece na hora.*

**Joice:** *Então, quando as crianças estão ali vocês não ditam nada e elas...*

**Paulinho:** *Eles ficam livres, apesar que o Nego Fugido ele conta a história da escravidão, mas eles ali eles ficam livres pra fazer o papel que ele queira, a dramatização que ele quer ali dentro, então o que ele faz ali, queira ou não, se encaixa! [...] Cativo de iá iá, com licença aê maior que eu (repete), está pedindo licença pra você entrar, [...] depois cantava: lá vem o nego, bacuri (repete) já dando sinal aos escravos que lá vinham os caçadores, aí a gente que tava escondido, saia pra capturar os negros, quando eu cheguei já encontrei isso já.*

**Joice:** *Você acha que as crianças aprendem através da música?*

**Paulinho:** *Aprende, aprende [...] o Nego Fugido já tem mais de 200 anos na nossa comunidade, eu sei que cheguei e já encontrei.*

As músicas sempre foram objetos de memória herdada e da história coletiva, um instrumento importante na construção das identidades nacionais e, é por isso que Charles Murray aponta que, seja no aspecto da criação, da execução ou da preservação de códigos, a oralidade sempre foi uma característica inerente ao ato musical. Observa-se essa comunicação que não é escrita, como objeto de memória e como um vetor do processo de transculturação (MURRAY, 2008. p.106). Observa-se isso na percepção de Monilson Pinto:

*Olhaê sibatã tire a casaca de sibatã (bis).* Essa última música convocou os escravos a se rebelarem. Fomos em direção ao rei para tentar capturá-lo. Os Militares defenderam o monarca iniciando a guerra conosco. Os caçadores que, até o momento obedeciam às ordens do capitão do mato, vendo a luta dos escravos, juntaram-se a nós e passaram a guerrear contra os militares. Com a união dos escravos e caçadores, o capitão do mato e os militares fugiram da batalha. *O capitão correu, Horácio do Mato sou eu (bis)* (PINTO, 2014. p. 6).

As músicas no Nego Fugido ensinam sobre a história da escravidão ao mesmo tempo em que são comandos para a encenação. Voltando à experiência com a Professora R, ela chama para cantar, um dos alunos que é nega no grupo do Nego Fugido, a Nega J, que prontamente canta uma sequência de músicas na ordem em que elas acontecem na festividade. Em se tratando de *Música e Ensino de História* autores apontam que:

Nas últimas décadas, inúmeras pesquisas têm-se dedicado a investigar essa relação entre a música – especialmente a música popular – e o campo do ensino de história. Em comum, o fato de buscarmos compreender quais as possibilidades de melhoria nas aprendizagens que os usos da música podem trazer para a análise dos diferentes contextos históricos. (SOARES; HERMETO, 2017. p. 4).

Nessa relação da música com o objeto, durante as apresentações, percebi que há um momento em que a figura de D. Santa é exaltada como “protetora” do Nego Fugido. Inicialmente começa pelo capitão do mato que tenta reprimir os negros que cantam: “que homem é aquele/ de chapéu quebrado/ de roupa rasgada/ é o capitão do mato”, na tentativa de forçar os negros a trabalhar e imediatamente, como numa súplica divide se canta: “que mulher é aquela/ que eu não conheço/ é a Dona Santa/ madrinha do nego”, nesse momento o capitão do mato sai e ela acalma os ânimos de todos em cena com um pano branco, como na imagem que se segue.

**Figura 5** - Batalha da prisão do rei



Foto: Renata Meireles (2012) in Pinto (2014. p. 94).

No primeiro capítulo relatei as várias interpretações acerca do papel desta líder no Nego Fugido, um deles foi o de princesa Isabel, sobre isso, em vários relatos essa figura (a da princesa, não aparece) mas um dos meus principais depoentes conta:

**Joice:** *Qual o papel de Dona Santa no Nego Fugido?*

**Paulinho:** *as vezes o pessoal chega ali e vê D. Santa como a princesa Isabel, mas ela não tá ali como a princesa Isabel, ela tá ali como... uma madrinha, que toda dificuldade que o nego tinha, ele recorreu a uma mãe de santo do quilombo, então ela representa aquela pessoa. Eu não tô lembrado agora o nome, mas ela representa aquela pessoa, como madrinha, como mãe, como salvadora. Os negros tinham a própria religião deles, como a gente sabe, e D. Santa tá ali representando aquela mãe, aquela mulher que tá ali para fazer as ervas medicinais, para curar os negros, tá pra salvar os negros, ajudar a gente a brigar pela nossa liberdade, mas ela não tá fazendo o papel da princesa Isabel não.*

**Joice:** *Não existe princesa Isabel no Nego Fugido?*

**Paulinho:** *No Nego Fugido não, não, não, essa história no Nego Fugido não.*

**Joice:** *Na dissertação de Monilson D. Santa é a princesa Isabel.*

**Paulinho:** *Não, num tem essa princesa Isabel no Nego Fugido, aqui tem uma tia ainda que tá viva, D. Conceição, ela conta quando ela viu o Nego Fugido pela primeira vez. Ela fala que o papel de Santa não é o da princesa Isabel não.*

E continua dizendo que outras pessoas fizeram esse papel antes de D. Santa entrar no grupo: “nenhum negro se ajoelhava nos pés da princesa Isabel pra pedir a benção”. Findada nossa entrevista, ao retornar para casa naquele dia, recebi a noite mensagens de Paulinho que havia ido pesquisar (com os mais velhos) e me contou que sempre teve uma pessoa que representasse Nanã, no candomblé, que segundo os Iorubanos é uma divindade mais velha e que possui domínios sobre a lama e sobre os mortos. Além disso ele reflete:

**Paulinho:** *porque na realidade a pessoa vê ali aquela pessoa branca no meio dos negros e pensa que é a princesa Isabel, mas não tem na a ver, entendeu. Ela é uma espécie de mãe de santo, que era a madrinha dos negros, que os negros tinham ela como uma protetora, tem muita gente que se passa aí, ele também. Depois que eu levei ele pra conversar com uma tia minha que acompanhou o Nego Fugido, ele aí entendeu que não era nada daquilo também que ele tava pensando.*

É preciso entender, que vão existir “conflitos de memória”, memórias divergentes e, entender principalmente, que a memória não retrata uma verdade, que pode ser um instrumento de pesquisa, “além de ser também uma ação política”. (FERREIRA; FRANCO, 2013. p. 144). Um exemplo da imagem da princesa não estar associada à Dona Santa no imaginário das crianças é o relato de uma nega, quando questionada sobre os papeis das pessoas no Nego Fugido responder que: “*tem o rei, o caçador, o capitão do mato, as nega e os militar. E a... madrinha!*”. Em nenhum momento, criança alguma cita a figura de Isabel enquanto personagem no Nego Fugido, nem na luta pela libertação.

Ao longo do século XX a figura da princesa Isabel foi sendo deixada de lado nessa questão da abolição. Paulinho é uma pessoa politizada, que circula no meio político negro e ouviu muito sobre a contranarrativa do Movimento Negro, a partir dos anos 1978, destituindo a princesa Isabel e exaltando como símbolo da luta antiescravista Zumbi dos Palmares. Petrônio Domingues<sup>9</sup> analisa que, durante a república, no período de 1889 – 2000, esse movimento vem desenvolvendo diversas estratégias de luta pela inclusão social do negro e superação do racismo na sociedade brasileira, o que explica essa contranarrativa.

A memória tende a esconder alguns eventos na construção da consciência do grupo. Fraga analisa que de 1888 – 1893, houveram inúmeras celebrações ao 13 de maio pela liberdade, o fim do cativeiro representou uma vitória contra os setores da sociedade baiana que defendias a protelação do processo de abolição e a festa aconteceu em meio a muita expectativa sobre as transformações que deveriam seguir o fim do cativeiro, como aponta no artigo “O 13 de maio e as celebrações da liberdade, Bahia, 1888-1893”<sup>10</sup>. Inclusive, em Santo Amaro, se comemora até hoje a libertação oficial dos escravizados com as festividades do Bembé do Mercado, ao que podemos inferir que nem a todos os negros foi interessante apagar das narrativas mnemônicas a importância do 13 de maio enquanto vitória também dos negros escravizados. No entanto, as falas de Paulinho comunicam a consciência histórica da contranarrativa, a que prefere atribuir gratidão a ideia que o Movimento Negro construiu, desde sua fundação, de que foi tudo nós que fizemos e por meios próprios conseguimos nossa liberdade.

É necessário que as crianças, dentro e fora das escolas tenham conhecimento sobre os patrimônios, ora: “como desejar que se entenda que o patrimônio deva ser preservado, se não diz respeito? Para preservar o patrimônio, é preciso conhecer. E é por isso que o patrimônio é campo de educação” (CABRAL, 2002). Criança aprende ouvindo, mas também observando, ainda sobre as narrativas entre pai e filho, Paulinho disse: “*ele fez um papel na escola e a gente botou ele de caçador, você acredita que parecia que ele já tinha saído de caçador?*”

Sobre esses eventos na escola, no dia 22 de agosto é comemorado o dia do folclore brasileiro, no dia 24 do mesmo mês, aconteceu nas ruas centrais de Acupe uma caminhada, que ocorre anualmente, promovida por escola da educação infantil e fundamental dos anos

---

<sup>9</sup> DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Revista Tempo. v. 12, n. 23. 2007.

<sup>10</sup> FRAGA FILHO, Walter. **O 13 de maio e as celebrações da liberdade**, Bahia, 1888-1893. História Social, n. 19, segundo semestre de 2010.

iniciais, onde os alunos se fantasiavam como algum personagem da cultura local, eu estive na caminhada e pude observar que muitas crianças que fazem, no Nego Fugido, o papel de negas, estavam vestidas de caçador.

**Figura 6** - Prancha Caçadores Mirim, Acupe, agosto de 2019



Fonte: a autora.

Identificada a existência de hierarquização dos papéis sociais no Nego Fugido, outro indício de que as crianças aprendem através da observação pode ser percebido no ideal de ascensão social no Nego Fugido. Algumas negas almejam tornarem-se caçadores e esse desejo também é reproduzido pelas crianças que pedem para que os pais os vistam de caçadores ou que são levadas a isso pelos próprios pais. Ao mesmo tempo, vale pensar futuramente numa pesquisa que dialogue com as experiências dos negros que, ao deixarem de ser escravizados tornam-se caçadores e capitães do mato.

Além disso, de velho a novo, algo que faz parte de todos os depoimentos coletados é a expressão uníssona de que há, no momento da festa uma alegria coletiva entre os participantes, seja no papel da nega que diz que o que chama a sua atenção é: “*a alegria do povo, correndo, apanhado, dando risada*”, ou a outra que nunca está cansada e deseja que: “*que ele nunca pare de sair na rua pra alegrar as pessoas [...] e também falar de como era antes, é... antigamente*”; seja no papel do caçador, que outrora foi nega, e não tem como explicar “*que é uma emoção muito grande tá fazendo parte daquele grupo ali, sabendo que foi nossos ancestrais, como nossos avô, que deixou aquela lembrança ali pra gente continuar fazendo esse papel. É uma emoção muito grande*”.

Luís Gama escreveu que “o escravo que mata seu senhor, seja em que circunstâncias for, mata sempre em legítima defesa”, durante um dos domingos em que o Nego Fugido saiu

às ruas de Acupe, neste ano de 2019, um dos caçadores, Paulinho, apontou sua espingarda para a cabeça de um dos tantos fotógrafos que enchem as ruas de Acupe nesse período. Esta imagem, repercutiu nas redes sociais e o próprio caçador quando questionado por mim, disse que “sentiu vontade de fazer”, mas não sabia que estavam fotografando este momento específico.

Ao retomar aspectos do passado sob novas dimensões, a História, que é um conhecimento construído ao longo do tempo, mas que se altera em função dos desafios do presente, porque não é estática, investiga também que muitas atitudes que os negros tem hoje sofrem as influências do cenário histórico em que a sociedade já instituiu políticas públicas que respaldam e, de certa forma, protegem a população negra que já sofreu perversidades de inúmeras formas. Já que “a História não é um conhecimento congelado” ela “ganha dinamismo à medida que professores e alunos repensam temas e objetos” (FERREIRA; FRANCO, 2013. p. 9).

**Figura 7** - Caçador de fotógrafos, Acupe, 07 de julho de 2019



Foto: Wederson Dias (2019).

Se essa atitude do caçador tivesse ocorrido no período da escravidão ele teria sido condenado à morte. Podemos pensar também que, se essa cena tivesse acontecido há 50 anos

atrás, quando a presença dos fotógrafos (que outrora era para dar notoriedade ao grupo), não fosse tão desprezada quanto é hoje por consequência, talvez, da própria consciência que a comunidade tem tomado em relação à postura dos fotógrafos que vão, coletam seus dados e nunca retornam, a atitude deste caçador, seu sentimento, pudesse ter sido diferente.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A mão que toca um violão,  
Se for preciso vai à guerra.”  
(Paulo Sérgio Valle).*

Pensando na aprendizagem de história em outros espaços educativos, que não os da sala de aula, esta pesquisa tratou de aspectos da aprendizagem histórica, no âmbito do patrimônio cultural, a partir da análise do Nego Fugido, que é uma teatralização das relações sociais do período da escravidão, que acontece todos os domingos do mês de julho pelas ruas de Acupe, distrito de Santo Amaro - BA.

A pesquisa identificou, entre os participantes os conteúdos e conceitos relacionados ao período da escravidão que ocorrem na manifestação; analisou a construção de narrativas sobre a escravidão a partir da experiência de crianças e adolescentes que participam da encenação do Nego Fugido e destacou como a preservação do patrimônio de uma comunidade está relacionada com a educação das novas gerações.

Tratou-se de estudo de caráter qualitativo com o uso das técnicas de observação participante em que foi possível interagir com organizadores da manifestação, realizar entrevistas formais e abordagens informais e acompanhar as encenações. Percebe-se que, a partir de manifestações culturais como o Nego Fugido, as crianças e adolescentes compartilham uma memória coletiva dos acupenses e aprendem sobre a história da escravidão vivida nesta comunidade do Recôncavo baiano.

Pode-se concluir que as gerações aprendem umas com as outras e, que esses saberes podem colaborar com a educação patrimonial, uma vez que agrega mais pertencimento ao grupo. As festas populares são momentos em que as pessoas da comunidade param sua rotina de labuta, para participar dos festejos, comemorar com as pessoas que tem as mesmas crenças e participam das mesmas tradições. A criança está atenta a tudo isso e, quer ser útil e fazer parte dessa vida em comunidade.

Nesse sentido é importante chamar à atenção ao mesmo tempo em que se reflete sobre o papel dos professores de história, principalmente os que estão em formação, de como lidar com as diversidades culturais em sala de aula. Sobre isso, Pessoa aponta algumas indicações pertinentes à comunidade escolar para que esta

tenha ocasiões concretas de conhecimento das festas, como elas realmente acontecem. Quem aprende, para depois passar a gostar, precisa aprender o certo, de preferência indo [...] os alunos e professores vão ter a oportunidade de compreender toda a fundamentação mítica, religiosa, artística, estética daquela festa. [...] pode acontecer, também, com um movimento inverso: a festa indo à escola. Nesse caso, esses componentes da fundamentação da festa vão estar irremediavelmente diminuídos, por se tratar não do acontecimento da festa, em data e local próprios, mas de uma apresentação excepcional da festa. Mas, pelo menos, alguns elementos da festa (história, dança, música, vestimenta) poderão ser vistos pelos alunos e explicados pelos próprios sujeitos que a constituem. (PESSOA, 2007. p. 7).

Mesmo as ruas de Acupe sendo palco das manifestações culturais mais diversas, nem todas as crianças tem acesso à essas manifestações, sendo assim o processo inverso da festa ir até a escola seria uma solução válida se fosse com a apresentação de todos os elementos da festa e não somente como uma participação dentre as expressões folclóricas que é o que tem se observado. Outra indicação de Pessoa foi

à possibilidade de serem desenvolvidas, nas escolas, releituras ou recriações das festas populares, seja por grupos de teatro ou pelos próprios alunos. Aqui vale o alerta dos folcloristas, no sentido de que essas recriações são consideradas 'parafolclore'. Ou seja, elas não são o fato folclórico em si, [...] Mas, como o objetivo é sempre pensar sobre o que a escola e seus sujeitos podem aprender com a festa, a reprodução desta, mesmo se feita por outros sujeitos, pode ser de grande oportunidade. (PESSOA, 2007. p. 7).

Pessoa recomenda que esses argumentos sejam apresentados aos estudantes e que se estimule que, em outros momentos, as festas populares sejam conhecidas em seu ambiente e período próprios de realização. E continua com sua terceira indicação onde entende que

a festa seja tomada também como situação de potencialização (ampliação) do conhecimento sobre a diversidade cultural brasileira (por meio de discussões, debates, reflexões, entrevistas, encenações, atividades de leitura e escrita, etc.). Se as festas populares forem abordadas como momento de ócio, de lazer, de folga, de brincar, etc., já será um ganho, pois elas expressam a grande riqueza cultural de nosso país. Mas elas podem "dar" muito mais: elas podem contar, de diversas formas, em diversas linguagens, em múltiplas cores, como nos tornamos uma nação e como o capital está querendo nos fazer crer que não somos mais uma nação. (PESSOA, 2007. p. 7-8).

Ou seja, o que ele tem apontado é que é preciso que haja na escola um trabalho contínuo com e sobre as manifestações populares que constituem a identidade da comunidade. Esse também é papel da história, o de construir o ideal de nação não só relegar a cultura ao campo do folclore.

Ao escolher identificar dispositivos de educação patrimonial não trabalhando estritamente com a metodologia pensada para museus e escolas, pensei que estivesse trilhando o caminho errado, mas Horta quando desenvolve no seu método de quatro passos faz com que eles possam ser aplicados, ou identificados em outros espaços educativos.

Nesse sentido, quando Paulinho diz que seu filho “*viu na rua [o Nego Fugido] e tinha medo, mas quando acabavam os domingos culturais do mês de julho, ele começava a fazer dentro de casa, começava a virar o olho, botava a língua do lado de fora, ficava tremendo...*” há aí *observação, registro, exploração e apropriação* sem que houvesse o roteiro pensado para fazer o aluno alcançar os objetivos que seriam propostos e mediados, inicial e exclusivamente, pelo professor.

A aprendizagem das crianças de Acupe, sendo elas parte ou não do grupo do Nego Fugido, se dá na convivência cotidiana com as manifestações culturais e através da história coletiva e da memória que é herdada pelas pessoas na comunidade.

A metodologia da educação patrimonial que Horta apresenta em “Guia básico para a Educação Patrimonial” como um dos instrumentos mais importantes para a compreensão e apreensão do patrimônio capaz de amenizar quaisquer conflitos que surjam sobre esse assunto, não dá conta sozinha, por exemplo, do que se aprende nas manifestações culturais de Acupe porque é uma metodologia concentrada nas salas de aula e nos museus, mas que pode ser convertida e identificada no percurso de aprendizagem das crianças e adolescentes de Acupe.

Porque o que é educação patrimonial se não a relação de ensino e aprendizagem acerca de um patrimônio? Então se o Nego Fugido se enquadra, como já especificado na pesquisa, na definição de patrimônio cultural imaterial, há educação patrimonial quando ocorrem as manifestações culturais em Acupe, e uma aprendizagem que não se encerra no momento em que acaba a festa.

E já diria Seu Domingos Fiaz que “Acupe vai pescar a evolução, pois precisamos desenvolver para vivermos dias melhores” (FIAZ, 2012, p.162).

## REFERÊNCIAS

- AFFONSO, Claudia; WANDERLEY, Sonia. Revista Transversos. **Dossiê: História Pública**: escritas contemporâneas de História. Rio de Janeiro, Vol. 07, nº. 07, pp. 04-10, Ano 03. set. 2016.
- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. **Memória serve pra quê? Uma análise “do que deve ser esquecido” e “do que pode ser lembrado” na história**. Encontro Regional da ANPUH, 2010.
- ALVES, Joice Lorena do Sacramento. **Memórias e narrativas de resistência num recôncavo da Bahia**: as caretas de Acupe - Santo Amaro. Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.
- APPLE, M. W. **Trabalho docente e textos**: economia política das relações de classe e de gênero em Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Conhecimento oficial**: a educação democrática numa era conservadora. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BÂ, Hampaté. **A tradição Viva**. In. História Geral da África, vol I. Unesco. 2010.
- BARCA, Isabel. **Educação Histórica**: uma nova área de investigação. Revista da Faculdade de Letras. HISTÓRIA. Porto, III série, vol. 2, 2001. p. 13-21.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política – Obras escolhidas**, v.1. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: editora Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- CABRAL, Magali. **Comunicação, educação e patrimônio cultural**. Trabalho apresentado no Minicurso Museu e Educação do 8º Fórum Estadual de Museus, Rio Grande, 2002.
- CAIMI, Flávia Eloisa. História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende?. In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Elenice; GONTIJO, Rebeca. (org). **A escrita da história escolar**: memória e historiografia. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. pp. 65-79.
- CERRI, Luis Fernando. **Os conceitos de Consciência Histórica e os desafios da Didática da História**. Revista de História Regional: 2001, p. 93-112.
- COSTA E SILVA, Alberto. Escravidão e liberdade (prefácio). In. SCHWARCZ, Lilian; GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. Companhia das Letras, 2018.
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Revista Tempo. v. 12, n. 23. 2007.

FERREIRA, Rebeca Campos. **Cultura Imaterial e Educação Patrimonial**: Notas sobre Museus e o Valor Educativo do Patrimônio Intangível Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS: UNIRIO

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Fundação Getúlio Vargas, 1996. 277p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo história**: reflexões e ensino. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 184p.

FIAZ, Domingos. **Acupe Minha Terra**. 2ªEd. Santo Amaro, 2012. 164p.

\_\_\_\_\_. **Acupe em Citações**. Santo Amaro, 2012. 164p.

FILHO, Walter Fraga. **Encruzilhadas da liberdade**: histórias e trajetórias de escravos e libertos na Bahia, 1870-1910. Tese de doutoramento, UNICAMP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Histórias e reminiscências da morte de um senhor de engenho no Recôncavo**. Afro-Ásia, 24, 2000, p. 165-198.

\_\_\_\_\_. **O 13 de maio e as celebrações da liberdade**, Bahia, 1888-1893. História Social, n. 19, segundo semestre de 2010.

FORTES, Clarissa Corrêa. **Interdisciplinaridade**: Origem, conceito e valor. UFSM.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed., 13ª reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GENNARI, Emílio. **Em busca da liberdade**: traços das lutas escravas no Brasil. 2ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 144 p.

HERMETO, Miriam; SOARES, Olavo Pereira. **Música e ensino de história**. Revista História Hoje, vol. 6, nº 11.

HORTA, Maria de Lourdes P., GRUMBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial. 1999.

IPHAN. **Dicionário IPHAN de patrimônio cultural**. Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência - COPEDOC. Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008. 84 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Histórico: Santo Amaro – BA**. S.I. S.n.

LARAIA, Roque de B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LE GOFF, Jacques. Memória. **In**: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora Contexto, 1990.

MACHADO, Vanda. **Prosa nagô: educando pela cultura**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces**. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (orgs.). **Passados presentes**. Rio de Janeiro: Laboratório de História Oral e Imagem, Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF), 2005-2011.

\_\_\_\_\_. **Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”**: uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 21, n.º 41, jan-jun de 2008, p. 5-20.

MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. **Manuais didáticos e formação da consciência histórica**. 2005. PDF.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. **Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional**. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p.233-255, jul. 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Prof. História*, São Paulo, n 10. dez. 1993.

PARRET, Herman. Comunicar por aisthèsis In: PARRET, Herman. **Estética da Comunicação: Para além da pragmática**. Tradução de Roberta Pires de Oliveira. Campinas: Edunicamp, 1997, p. 183-202.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Aprender e ensinar nas festas populares**. In. Salto para o futuro. Boletim 02. Abril de 2007.

\_\_\_\_\_. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.

PINTO, Monilson dos Santos. **Nego fugido: o teatro das aparições**. 2014. 164 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2014.

PRIORE, Mary Del. **A fotografia como objeto da memória**. In. SILVA, René Marc da Costa. *Cultura Popular e Educação*. Brasília, 2008.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociações e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIBEIRO, Marcelo Ribeiro & SANTOS, Eurico de Oliveira. **TURISMO CULTURAL COMO FORMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA AS COMUNIDADES LOCAIS**. UNIRIO. *Revista Itinerarium*, v.1, 2008.

RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio N. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. Ci. Inf., Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007.

RÜSEN, J. **Razão histórica**: teoria da história - fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

\_\_\_\_\_. **Conscientização histórica frente à pós-modernidade**: a história na era da nova transparência. Revista História, questões e debates, Curitiba, Departamento de História, UFPR, ano 12, n. 20-21, 1997a.

\_\_\_\_\_. **El libro de texto ideal**: reflexiones entorno a los médios para guiar las clases de historia. Revista Nuevas Fronteras de la Historia, Barcelona: Graó, Íber, n. 12, ano 4, abr. 1997b.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWANZ, Angélica Kohls. **Educação Patrimonial – A Pedagogia Política Do Esquecimento?** Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. V. III, nº 5/6. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. 2006.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Daniel Pinha. **Ampliação e veto ao debate público na escola**: História Pública, ensino de História e o projeto “Escola sem partido”. Revista Transversos. “Dossiê: História Pública: escritas contemporâneas de História. Rio de Janeiro, Vol. 07, nº. 07, pp. 11-34, Ano 03. set. 2016.

SILVA, Rosangela Souza da. A Lei 10.639/03 e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana: percepções e reflexões. In. SANTIAGO, Ana Rita; RIBEIRO, Denize de Almeida. (orgs). **Tranças e redes**: tessituras sobre África e Brasil. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2014.

SOARES, Olavo Pereira; HERMETO, Miriam. **Música e ensino de história**. Dossiê. Revista História Hoje, vol. 6, nº 11, 2017.

SOUSA, Jamilson Oliveira de. **As caretas e o nego fugido fazem a festa em Acupe**: Estudos interdisciplinares sobre a cultura popular, a tradição e a educação nas performances sociais que fazem a festa em Acupe. Monografia (graduação) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. 49p.

THOMSON, Alistair. **Os debates sobre memória e história**: alguns aspectos internacionais. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). Usos & abusos da História Oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

UNESCO e Ministério da Cultura. **Convenção Para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 2003.

VILLAS BOAS, Maria José Villares Barral. **Festa do “Nêgo Fugido” em Acupe/Ba em suas dimensões múltiplas.** Monografia (graduação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2013. 87f.